

Excertos de Textos Literários Encontros 2 e 3 Minicurso GEHISLIT

Rafael Sarto Muller <https://linktr.ee/rafaelmuller776>

Gravação do primeiro encontro: <https://youtu.be/9WRS4W7uYMU>

Todos os arquivos e informações: <https://rafaelmuller776.wordpress.com/2023/03/01/minicurso-teoria-historia-e-ensino-de-literatura-as-avessas/>

Sumário

1	Paradoxos comunicacionais	2
1.1	Prisão de Ivan, em O Mestre e Margarida, de Mikhail Bulgákov	2
1.2	Trechos de Carta ao pai, de Franz Kafka	2
2	Dogmatismo vs. Ceticismo	12
2.1	Diálogo sobre Bazárov, em Pais e Filhos, de Ivan Turguêniev	12
2.2	Discurso de Iliá Ilitch, em Oblómov, de Ivan Goncharov	12
2.2.1	Debate com Piénkin	12
2.2.2	Narrador sobre a atividade de Iliá Ilitch	16
2.2.3	Contenda sobre “o outro” com Zakhar	20
2.2.4	Frases soltas	23
2.3	As Cismas do Destino, em Eu e Outras Poesias, de Augusto dos Anjos	23
3	Legitimidade dos saberes e soberania leitora na interpretação	35
3.1	Discurso de Sr. Meursault, em O Estrangeiro, de Albert Camus	36
3.1.1	Prefácio de Manuel da Costa Pinto	36
3.1.2	Da carta a Raymond	36
3.1.3	Do relacionamento com Marie	36
3.1.4	Sobre a morte	37
3.1.5	Sobre o julgamento	37
3.2	Conto Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?, de Mia Couto	37
4	Manifesto de Arte Abjeta	43
4.1	Trechos de Diário de um ladrão, de Jean Genet	43
4.2	Monólogo de Carmem: segundo ato, em Memórias de minhas carnes, de Camila Dalvi	45
5	Diversos (sugestões dos participantes)	46
5.1	Traduções de trecho sobre “cativar” d’O Pequeno Príncipe	46
5.1.1	Português	46
5.1.2	Espanhol	49
5.1.3	Francês	53
5.1.4	Italiano	57

1 PARADOXOS COMUNICACIONAIS

1.1 Prisão de Ivan, em O Mestre e Margarida, de Mikhail Bulgákov

Ivan começou a examinar a situação. Tinha três caminhos diante de si. O primeiro era extremamente fascinante: lançar-se sobre aquelas lâmpadas e coisas intrincadas e destruí-las, mandá-las para o espaço; assim expressaria seu protesto por ter sido preso à toa. Porém, o Ivan de hoje se distinguia significativamente do Ivan de ontem, e o primeiro caminho pareceu-lhe duvidoso: se optasse por ele, o pensamento de que ele era um louco desgovernado se enraizaria neles. Por isso, Ivan descartou o primeiro caminho. Havia o segundo: começar o relato sobre o consultor e Pôncio Pilatos imediatamente. No entanto, a experiência do dia anterior demonstrara que não acreditavam em sua história ou a entendiam de maneira distorcida. Por isso Ivan também desistiu desse caminho e resolveu eleger o terceiro: trancafiar-se em um silêncio majestoso.

Não conseguiu realizar isso por completo e, querendo ou não, viu-se obrigado a responder, embora taciturno e carrancudo, uma série de perguntas. E arrancaram dele definitivamente tudo sobre seu passado, chegando ao ponto de perguntar como e quando teve escarlatina, uns quinze anos antes. Depois de preencherem uma página inteira com suas respostas, viraram a folha e a mulher de branco passou a indagar sobre os parentes de Ivan. Iniciou-se uma verdadeira ladainha: quem morreu, quando, por quê, se bebia, se teve doenças venéreas e coisas do gênero.

1.2 Trechos de Carta ao pai, de Franz Kafka

Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você. Como de costume, não soube responder, em parte justamente por causa do medo que tenho de você, em parte porque na motivação desse medo intervêm tantos pormenores, que mal poderia reuni-los numa fala. E se aqui tento responder por escrito, será sem dúvida de um modo muito incompleto, porque, também ao escrever, o medo e suas consequências me inibem diante de você e porque a magnitude do assunto ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento.

Para você a questão sempre se apresentou em termos muito simples, pelo menos considerando o que falou na minha presença e, indiscriminadamente, na de muitos outros. Para você as coisas pareciam ser mais ou menos assim: trabalhou

duro a vida toda, sacrificou tudo pelos filhos, especialmente por mim, e graças a isso eu vivi “à larga”, desfrutei de inteira liberdade para estudar o que queria, não precisei ter qualquer preocupação com o meu sustento e portanto nenhuma preocupação; em troca você não exigiu gratidão — você conhece a “gratidão dos filhos” — mas pelo menos alguma coisa de volta, algum sinal de simpatia; ao invés disso sempre me escondi de você, no meu quarto, com os meus livros, com amigos malucos, com ideias extravagantes, nunca falei abertamente com você, no templo não ficava a seu lado, nunca o visitei em Franzensbad,¹ aliás nunca tive sentido de família, não dei atenção à loja nem aos seus outros negócios, a fábrica eu deixei nas suas costas e depois o abandonei, apoiei a obstinação de Ottla² e, se por um lado não movo um dedo por você (nem uma entrada de teatro eu lhe trago), pelos amigos eu faço tudo. Se você fizesse um resumo do que pensa de mim, o resultado seria que na verdade não me censura de nada abertamente indecoroso ou mau (exceto talvez meu último projeto de casamento), mas sim de frieza, estranheza, ingratidão. E de fato você me recrimina por isso como se fosse culpa minha, como se por acaso eu tivesse podido, com uma virada do volante, conduzir tudo para outra direção, ao passo que você não tem a mínima culpa, a não ser talvez o fato de ter sido bom demais para mim.

Esse seu modo usual de ver as coisas eu só considero justo na medida em que também acredito que você não tem a menor culpa pelo nosso distanciamento. Mas eu também não tenho a menor culpa. Se pudesse levá-lo a reconhecer isso, então seria possível, não uma nova vida — para tanto nós dois estamos velhos demais — mas sem dúvida uma espécie de paz; não a cessação, mas certamente um abrandamento das suas intermináveis recriminações.

Curiosamente você tem alguma intuição daquilo que eu quero dizer. Assim, por exemplo, me disse há pouco tempo: “Eu sempre gostei de você, embora na aparência não tenha sido como costumam ser os outros pais, justamente porque não sei fingir como eles”. Ora, no que me diz respeito, pai, nunca duvidei da sua bondade, mas considero incorreta essa observação. Você não sabe fingir, é verdade, mas querer afirmar só por esse motivo que os outros pais fingem, é ou mera mania de ter razão e não se discute mais, ou então — como de fato acho — a expressão velada de que as coisas entre nós não vão bem e de que você tem a ver com isso, mas sem culpa. Se realmente pensa assim, então estamos de acordo.

Naturalmente não digo que me tornei o que sou só por influência sua. Seria

muito exagerado (e até me inclino a esse exagero). É bem possível que, mesmo que tivesse crescido totalmente livre da sua influência, eu não pudesse me tornar um ser humano na medida do seu coração. Provavelmente seria um homem sem vigor, medroso, hesitante, inquieto, nem Robert Kafka nem Karl Hermann,³ mas completamente diferente do que sou na realidade — e teríamos podido nos tolerar um ao outro de uma forma magnífica. Eu teria sido feliz por tê-lo como amigo, chefe, tio, avô, até mesmo (embora mais hesitante) como sogro. Mas justo como pai você era forte demais para mim, principalmente porque meus irmãos morreram pequenos, minhas irmãs só vieram muito depois e eu tive, portanto, de suportar inteiramente só o primeiro golpe, e para isso eu era fraco demais.

[...]

Ora, no que me dizia respeito, você efetivamente tinha razão com assombrosa frequência; numa conversa isso era evidente, pois mal chegávamos a conversar; mas também na prática você tinha razão. Entretanto isso não era nada de especialmente incompreensível: em todos os meus pensamentos eu estava sob forte pressão da sua parte, mesmo naqueles que não coincidiam com os seus, e particularmente nesses. Todas aquelas ideias na aparência independentes de você estavam desde o início gravadas pelo seu juízo desfavorável: suportar isso até a exposição completa e duradoura do pensamento era quase impossível.

[...]

Com isso o mundo se dividia para mim em três partes, uma onde eu, o escravo, vivia sob leis que tinham sido inventadas só para mim e às quais, além disso, não sabia por que, nunca podia corresponder plenamente; depois, um segundo mundo, infinitamente distante do meu, no qual você vivia, ocupado em governar, dar ordens e irritar-se com o seu não cumprimento; e finalmente um terceiro mundo, onde as outras pessoas viviam felizes e livres de ordens e de obediência. Eu vivia imerso na vergonha: ou seguia as suas leis, e isso era vergonha porque elas só valiam para mim; ou ficava teimoso, e isso também era vergonha, pois como me permitia ser teimoso diante de você?, ou então não podia obedecer porque, por exemplo, não tinha a sua força, o seu apetite,

a sua destreza, embora você exigisse isso de mim como algo natural: esta era com certeza a vergonha maior. Desse modo se moviam não as reflexões, mas os sentimentos do menino.

[...]

E na verdade sem poder argumentar nada, pois lhe é de antemão impossível falar serenamente sobre uma coisa com a qual não concorda ou que simplesmente não parta de você: seu temperamento dominador não o permite. Nos últimos anos você explica isso pelo seu nervosismo cardíaco, eu não saberia dizer se você foi alguma vez em essência diferente, no máximo o nervosismo cardíaco é um meio para o exercício mais estrito da dominação, já que a lembrança da doença deve sufocar nos outros a última réplica. Naturalmente isto não é uma censura, apenas a constatação de um fato. Por exemplo, em relação a Ottla você costuma dizer: “Com essa não se pode falar nada: ela logo pula no pescoço”; mas na realidade não é ela a primeira a fazer isso; você confunde a coisa com a pessoa; é a coisa que pula no seu pescoço e imediatamente você toma uma decisão sobre ela, sem ouvir a pessoa; o que depois ainda se argumente só pode irritá-lo, jamais convencê-lo. Ouve-se então apenas o seguinte: “Faça o que quiser; por mim você está livre; você é maior de idade; não tenho conselhos para lhe dar”— e tudo naquela inflexão terrível e rouca da ira e da completa condenação, diante da qual eu hoje só tremo menos que na infância porque o sentimento de culpa exclusivo da criança foi em parte substituído pela compreensão do nosso comum desamparo.

A impossibilidade do intercâmbio tranquilo teve uma outra consequência na verdade muito natural: desaprendi a falar. Certamente eu não teria sido, em outro contexto, um grande orador, mas sem dúvida teria dominado a linguagem humana corrente e comum. No entanto, logo cedo você me interditou a palavra, sua ameaça: “Nenhuma palavra de contestação!” e a mão erguida no ato me acompanharam desde sempre. Na sua presença — quando se trata das suas coisas você é um excelente orador — adquirir um modo de falar entrecortado, gaguejante, para você também isso era demais, finalmente silencieei, a princípio talvez por teimosia, mais tarde porque já não podia pensar nem falar. E como você era meu verdadeiro educador, isso repercutiu em todos os aspectos da minha vida. No geral é um curioso equívoco você acreditar que nunca me submeti à sua vontade. “Sempre do

contra em tudo” não foi realmente meu princípio de vida diante de você, como acredita e me recrimina por isso. Pelo contrário: se eu tivesse obedecido menos, você na certa estaria muito mais satisfeito comigo. O fato é que as suas medidas educativas acertaram no alvo; não me esquivei a nenhuma investida sua; assim como sou (naturalmente pondo de lado os fundamentos e a influência da vida), sou o resultado da sua educação e da minha docilidade. Que esse resultado apesar disso lhe seja penoso, que você se recuse inconscientemente a reconhecê-lo como produto da sua educação, se deve justamente ao fato de que a sua mão e o meu material eram tão estranhos um ao outro. Você dizia: “Nenhuma palavra de contestação!” e com isso queria silenciar em mim as forças contrárias que lhe eram tão desagradáveis, mas essa influência era muito forte para mim, eu era dócil demais, emudecia por completo, me escondia de você e só ousava me mexer quando estava tão distante que o seu poder não me alcançava mais, pelo menos diretamente. Mas você estava ali, diante de mim, e tudo lhe parecia ser novamente “do contra”, quando era apenas a consequência natural da sua força e da minha fraqueza.

[...]

Você sempre me recriminou (só na minha presença ou na de estranhos — para a humilhação que isso representava você não tinha sensibilidade, os assuntos dos seus filhos eram sempre públicos) de que, graças ao seu trabalho, eu vivia sem qualquer privação, na tranquilidade, no calor e na fartura. Penso aqui em certas observações que devem ter literalmente riscado sulcos no meu cérebro, como: “Já aos sete anos eu precisava levar a carroça pelas aldeias”; “Precisávamos dormir todos num cubículo”; “Ficávamos felizes quando tínhamos batatas”; “Durante anos, por falta de roupa de inverno suficiente, fiquei com feridas abertas nas pernas”; “Quando eu ainda era menino já precisava ir para a loja em Pisek”; “Dos meus eu não recebia nada, nem mesmo durante o serviço militar, ainda tinha que mandar dinheiro para casa”; “Mas apesar de tudo — de tudo — o pai era sempre o pai. Quem é que sabe disso hoje? O que é que os filhos sabem? Ninguém sofreu assim. Será que um filho entende isso hoje?”. Essas histórias poderiam ter sido, em outras circunstâncias, um excelente recurso educativo, teriam podido oferecer estímulo e força ao filho para resistir às mesmas trabalhadeiras e privações pelas quais o pai tinha passado. Mas você não queria isso, pois graças justamente aos seus esforços a

situação era outra, não havia chance para alguém se distinguir como você o tinha feito. Essa oportunidade só se poderia criar pela violência e pela subversão, seria preciso fugir de casa (supondo-se que tivesse existido capacidade de decisão e força para tanto e minha mãe, por seu lado, não tivesse trabalhado contra por outros meios). Mas você não queria nada disso, qualificava-o de ingratidão, extravagância, desobediência, traição, loucura. Portanto, se por um lado você induzia a isso através do exemplo, das narrativas e da vergonha, por outro o proibia da maneira mais rigorosa.

[...]

Com a sua antipatia você atingiu, de modo mais certo, a minha atividade de escritor e as coisas relacionadas com ela, que lhe eram desconhecidas. Aqui de fato eu me havia distanciado com certa autonomia, embora lembrasse um pouco a minhoca que, esmagada por um pé na parte de trás, se liberta com a parte dianteira e se arrasta para o lado. De certa maneira eu estava em segurança, havia um sopro de alívio, a aversão que naturalmente você logo teve pelo que eu escrevia foi neste ponto excepcionalmente bem-vinda. É fato que minha vaidade e minha ambição sofriam com a acolhida que dava aos meus livros, famosa entre nós: “Ponha em cima do criado-mudo!” (em geral você estava jogando baralho quando chegava um livro), mas no fundo eu me sentia bem com isso, não só por uma maldade que se insurgia, não só por júbilo com uma nova confirmação do modo como eu concebia a nossa relação, mas sim porque, bem na sua origem, aquela fórmula soava para mim mais ou menos como: “Agora você está livre!”. Tratava-se, é claro, de um engano: nem eu era livre nem, no melhor dos casos, ainda não o era. Meus escritos tratavam de você, neles eu expunha as queixas que não podia fazer no seu peito. Eram uma despedida intencionalmente prolongada de você; só que ela, apesar de imposta por você, corria na direção definida por mim. Mas como tudo isso era pouco! Só vale a pena falar a esse respeito porque aconteceu na minha vida, em qualquer outro lugar essa atividade não seria absolutamente notada, e mesmo assim porque dominava minha vida, na infância como pressentimento, mais tarde como esperança, mais tarde ainda como desespero, ditando-me — se se quisesse, novamente de acordo com o seu figurino — minhas poucas e pequenas decisões. Por exemplo, a escolha da profissão. Claro, aqui você me deu plena liberdade,

à sua maneira generosa e neste sentido até paciente. Não obstante, também neste caso você seguiu o tratamento geral dispensado aos filhos pela classe média judaica, ou pelo menos os juízos de valor dessa classe, tratamento que lhe servia de modelo. No final, ainda aqui, interveio um dos seus mal-entendidos sobre a minha pessoa. É que por orgulho de pai, por desconhecimento da minha verdadeira natureza, por influência da minha fragilidade você sempre me considerou particularmente trabalhador. Na sua opinião, estudei sem parar quando era criança e mais tarde escrevi sem parar. Ora, nem de longe isso é verdade. Pode-se dizer, pelo contrário, com muito menos exagero, que estudei pouco e não aprendi nada; não é de admirar muito que alguma coisa tenha ficado, em tantos anos, com uma memória mediana e uma capacidade de compreensão que não é das piores; mas de qualquer forma o resultado geral em conhecimento, e sobretudo em fundamentação do conhecimento, é extremamente lastimável diante do dispêndio de tempo e dinheiro, principalmente em comparação com quase todas as pessoas que eu conheço. [...] Minha autoavaliação era muito mais dependente de você do que de qualquer outra coisa, por exemplo de um êxito externo. Este era o reforço de um instante, mais nada, no entanto do outro lado o seu peso me puxava para baixo com muito mais vigor. Eu pensava: nunca vou passar do primeiro ano primário, mas consegui e até recebi um prêmio; certamente porém não vou ser aprovado na admissão ao ginásio, mas fui bem-sucedido; agora entretanto vou sem dúvida fracassar no primeiro ano ginásial — não, não fracassei, e assim continuei sempre em frente. Mas o efeito não foi um incremento de confiança; pelo contrário, sempre estive convencido — e tinha a prova formal disso na sua cara de rejeição — de que quanto mais êxito tivesse, pior deveria ser o resultado final. Muitas vezes eu via mentalmente a medonha assembleia de professores (o ginásio é apenas o exemplo mais homogêneo, mas por toda parte ao meu redor era parecido), que iria se reunir quando eu tivesse passado a primeira série, ou seja, estivesse na segunda; quando tivesse passado esta, ou seja, na terceira, e assim por diante — para investigar esse caso único, que clamava ao céu, e perguntar como eu, o mais incapaz e seja como for o mais ignorante, tinha conseguido chegar sub-repticiamente até aquela série; e uma vez que a atenção geral estava voltada para mim, eles naturalmente me cuspiam fora sem mais delongas, para júbilo de todos os justos libertados desse pesadelo. Para uma criança não é fácil viver com essas imagens. Em tais circunstâncias, que me importavam as aulas? Quem era capaz de arrancar de mim uma fagulha de interesse? Para mim as

aulas — e não só elas, mas tudo em volta, nessa idade decisiva — interessavam mais ou menos como interessam a um funcionário de banco que deu um desfalque, mas que ainda está no emprego e treme de medo de ser descoberto, as pequenas operações correntes do negócio bancário que ele ainda precisa realizar como funcionário. Tudo tão pequeno, tão distante em relação ao essencial. Assim continuaram as coisas até o exame final do curso secundário, no qual realmente só fui aprovado graças em parte à fraude, e então tudo estacou: agora eu estava livre. Se a despeito da coerção do ginásio e do colégio eu já me preocupava só comigo mesmo, como seria agora, que estava livre? Para mim, portanto, não houve propriamente liberdade de escolha da profissão, pois eu sabia que diante do essencial tudo me seria tão indiferente como todas as matérias letivas do secundário; tratava-se pois de encontrar uma profissão que, sem ferir demais a minha vaidade, permitisse, mais que qualquer outra, essa indiferença. O mais natural, portanto, era direito. Pequenas tentativas em sentido contrário, nascidas da vaidade e da esperança insensata, como duas semanas de estudo de química, meio ano de estudos germanísticos, só fortaleciam aquela convicção básica. Estudei, pois, direito. Isso significava que nos poucos meses antes das provas, com régio prejuízo dos nervos, eu alimentava o espírito literalmente de serragem, que além do mais já tinha sido mastigada por mil bocas antes de mim. Mas em certo sentido isso me sabia bem — justamente como antes, num certo sentido, também o secundário e, mais tarde, a profissão de burocrata, pois tudo correspondia perfeitamente à minha situação. Seja como for, mostrei aqui uma previsão espantosa: quando menino já tinha pressentimentos suficientemente claros a respeito de estudos e profissão. A partir daí não esperava nenhuma salvação, fazia muito tempo que havia renunciado a ela.

[...]

Talvez seja aqui também o ponto em que a ausência de culpa de ambos fica mais clara. A dá a B um conselho franco, correspondente à sua concepção de vida, não muito bonito, mas de qualquer modo ainda hoje perfeitamente usual na cidade e que talvez impeça prejuízos à saúde. Moralmente esse conselho não é muito reconfortante para B, mas não há razão alguma para que, no curso dos anos, ele não se recupere do dano; de mais a mais, ele certamente não precisa seguir o conselho e,

seja como for, não há no próprio conselho nenhum motivo para que todo o mundo futuro de B desmorone. E no entanto alguma coisa assim aconteceu, mas só porque você é A e eu sou B.

[...]

Assim termina minha vida até agora com você — e ela carrega consigo essas perspectivas para o futuro.

Caso abarcasse com o olhar minha fundamentação do medo que tenho de você, então você poderia responder: “Você afirma que eu simplifico a meu favor quando explico minha relação com você apenas através da sua culpa; mas acredito que, apesar do esforço aparente, você a torna, se não mais difícil, pelo menos bem mais em conta naquilo que lhe diz respeito. Em primeiro lugar, rejeita qualquer culpa e responsabilidade da sua parte e nisso, portanto, nosso comportamento é o mesmo. Mas ao passo que atribuo toda a culpa a você, com a franqueza que está nos meus propósitos, a sua vontade é ser ‘supersensato’ e ‘superafetuoso’, absolvendo-me também de qualquer culpa. Naturalmente só na aparência você consegue essa última absolvição (mais que isso você também não quer); o resultado é que, nas entrelinhas, e a despeito de todos os ‘discursos’ sobre modo de ser, natureza, oposição e desamparo, fui eu o agressor, enquanto tudo o que você fez foi apenas autodefesa. Portanto, agora você já teria conseguido o bastante com sua insinceridade, pois provou três coisas: primeiro, que você é inocente; segundo, que sou culpado, e terceiro, que por pura grandiosidade você está disposto não só a me perdoar, mas — o que é mais ou menos o mesmo — a demonstrar e crer pessoalmente que eu, seja como for contra a verdade, também sou inocente. Isso poderia por ora lhe bastar, mas ainda não basta. De fato você pôs na cabeça que quer viver inteiramente às minhas custas. Admito que lutamos um com o outro, mas há dois tipos de luta: o combate cavalheiresco, em que se medem as forças de contendores independentes e cada qual responde por si, perde por si e ganha por si. E a luta do inseto daninho, que não só pica, mas também suga simultaneamente o sangue para conservar a vida. Este é o verdadeiro soldado profissional, e você é isso. Está inadaptado para a vida; para poder se instalar confortavelmente nela, despreocupado e sem autorrecriminações, você demonstra que eu lhe tirei toda a capacidade para a vida e a enfiei no meu bolso. Que importa agora que você seja

incapaz para ela? A responsabilidade é minha, mas você se espreguiça tranquilamente e se faz arrastar física e espiritualmente por mim. Um exemplo: quando há pouco você queria se casar, não queria ao mesmo tempo se casar — é o que admite nesta carta; mas para não ter muito trabalho, queria que eu o ajudasse a não se casar, na medida em que, por causa da ‘vergonha’ que a ligação infligiria ao meu nome, eu o proibia desse casamento. Ora, isso não me ocorreu de maneira alguma. Em primeiro lugar, tanto aqui como noutra parte, nunca quis ser ‘um obstáculo à sua felicidade’, e em segundo, não quero jamais ouvir de um filho meu uma censura dessa natureza. Mas será que a autossuperação, com a qual lhe abri caminho ao casamento, ajudou alguma coisa? Absolutamente nada. Minha aversão ao seu casamento não o teria impedido; pelo contrário, teria sido um estímulo para

2 DOGMATISMO VS. CETICISMO

2.1 Diálogo sobre Bazárov, em Pais e Filhos, de Ivan Turguêniev

— O que Bazárov é? — sorriu Arkádi. — Tio, o senhor quer que eu lhe diga o que ele é, precisamente?

— Faça-me esse favor, meu sobrinho.

— É um niilista.

— Como? — perguntou Nikolai Petróvitch, enquanto Pável Petróvitch se punha imóvel, a faca erguida no ar com um pouco de manteiga na ponta da lâmina.

— Ele é um niilista — repetiu Arkádi.

— Niilista — disse Nikolai Petróvitch. — Vem do latim nihil, nada, até onde posso julgar; portanto essa palavra designa uma pessoa que... que não admite nada?

— Digamos: que não respeita nada — emendou Pável Petróvitch e novamente se pôs a passar manteiga no pão.

— Aquele que considera tudo de um ponto de vista crítico — observou Arkádi.

— E não é a mesma coisa? — indagou Pável Petróvitch.

— Não, não é a mesma coisa. O niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.

— E o que há de bom nisso? — interrompeu Pável Petróvitch.

— Depende, titio. Para uns é bom, mas para outros é péssimo.

— Está muito bem. Mas, pelo que vejo, isso nada tem a ver conosco. Somos gente do tempo antigo, acreditamos que, sem princípios — Pável Petróvitch pronunciava essa palavra com suavidade, ao estilo francês, ao passo que Arkádi, ao contrário, a pronunciava à maneira russa, “príntsip”, acentuando a primeira sílaba —, sem princípios aceitos, como você diz, com base na fé, não se pode dar nem um passo, nem mesmo respirar.

2.2 Discurso de Iliá Ilitch, em Oblómov, de Ivan Goncharov

2.2.1 *Debate com Piénkin*

— Bom dia, Iliá Ilitch.

— Bom dia, Piénkin; não chegue perto, não chegue perto: o senhor está vindo do frio! — disse Oblómov.

— Ah, seu excêntrico! — disse ele. — Sempre o mesmo preguiçoso despreocupado e incorrigível!

— Despreocupado, pois sim! — disse Oblómov. — Vou lhe mostrar a carta que recebi do estaroste: fico aqui quebrando a minha cabeça e o senhor ainda me chama de despreocupado! De onde está vindo?

— De uma livraria. Fui saber se não saíram umas revistas. Leu o meu artigo?

— Não. — Vou lhe mandar. Leia.

— Sobre o quê? — perguntou Oblómov em meio a um enorme bocejo.

— Sobre o comércio, sobre a emancipação das mulheres, sobre os lindos dias de abril que nos foram concedidos e sobre um equipamento recém-inventado para apagar incêndios. Como o senhor pode deixar de ler tais revistas? Lá está nossa vida atual. E acima de tudo propugno pela tendência realista na literatura.

— E o senhor anda com muito serviço? — perguntou Oblómov.

— Sim, bastante. Dois artigos por semana no jornal, depois tenho de examinar os escritos dos romancistas, e aliás acabei de escrever um conto...

— Sobre o quê?

— Sobre um chefe de polícia de uma cidade provinciana que dava murros na boca dos pequenos comerciantes...

— Sim, isso é de fato uma tendência realista — disse Oblómov.

— Não é verdade? — confirmou o literato, feliz da vida. — Vou lhe dizer qual é minha ideia e sei que é nova e audaciosa. Um viajante de passagem testemunhou aquelas agressões e queixou-se num encontro com o governador. Este mandou que um funcionário, que estava indo para lá fazer uma investigação, aproveitasse para verificar aquilo e para colher informações em geral sobre a personalidade e o comportamento do chefe de polícia. O funcionário convocou os pequenos comerciantes como se fosse para discutir sobre o comércio, mas na hora passou a falar também daquele assunto. O que acha que fizeram os pequenos comerciantes? Fizeram reverências, acharam graça e cobriram de elogios o chefe de polícia. O funcionário foi buscar informações em sigilo e lhe disseram que os pequenos comerciantes eram uns trapaceiros terríveis, vendiam coisas podres, trapaceavam no peso, fraudavam até os impostos, eram todos corruptos, então aquelas surras eram um castigo merecido...

— Então as surras do chefe de polícia representam, no conto, o papel do fatum nas tragédias da Antiguidade? — perguntou Oblómov.

— Exatamente — confirmou Piénkin. — O senhor tem muito tato, Iliá Ilitch, devia escrever! Dessa forma tive sucesso em demonstrar a arbitrariedade do chefe de polícia e a corrupção dos costumes no povo simples; a má organização das ações dos funcionários subalternos e a necessidade de medidas severas, mas dentro da lei... Não é verdade que essa ideia... é bastante nova?

— Sim, sobretudo para mim — respondeu Oblómov. — Leio tão pouco...

— De fato, não se veem livros em sua casa! — disse Piénkin. — Mas, eu suplico ao senhor, há uma coisa que não pode deixar de ler: vai sair um poema, podemos chamar assim: “O amor de um funcionário corrupto por uma mulher caída”. Não posso lhe dizer quem é o autor: ainda é segredo.

— E do que trata?

— Abrange todo o mecanismo que move nossa sociedade, e sempre em matizes poéticos. Todas as molas são deixadas à mostra; todos os degraus da escada social são examinados. Assim, como num julgamento, o autor convoca um magnata fraco, mas cruel, e toda uma horda de funcionários corruptos, que o enganam; e toda uma série de mulheres caídas é analisada... francesas, alemãs, finlandesas, e tudo, tudo... com uma fidelidade chocante e cheia de vida... Ouvi alguns trechos... um autor formidável! Faz lembrar um Dante, um Shakespeare...

— O senhor está indo longe demais! — disse Oblómov, admirado, e sentou-se na cama. Piénkin calou-se de súbito, vendo que de fato tinha ido longe demais.

— Leia o senhor mesmo e julgue por si — acrescentou, já sem fervor.

— Não, Piénkin, não pretendo ler.

— E por quê? Está causando sensação, já andam comentando...

— Pois deixe que falem! Algumas pessoas não têm mais o que fazer do que falar. É uma espécie de vocação.

— Mas leia, nem que seja só por curiosidade.

— O que há nele que eu não tenha visto? — disse Oblómov. — Para que escrevem essas coisas? Só para se distrair...

— Como para se distrair? Tem tanta fidelidade, tanta fidelidade! Até dá vontade de rir. São como retratos vivos. Qualquer um que se escolha, seja um funcionário, seja um oficial, seja um guarda-cancela, é um retrato da própria vida.

— E por que então eles se esforçam tanto? Só pela diversão de tomar uma pessoa e mostrar com fidelidade como ela é? Só que a vida mesma não está aí: não há compreensão da vida, nem compaixão, nem aquilo que o senhor chama de humanidade. Só há vaidade e mais nada. Descrevem ladrões, mulheres caídas, como se os tivessem apanhado na rua e levado para a

prisão. Nos contos deles se percebem não as “lágrimas invisíveis”, mas apenas se veem risadas rudes, a maldade...

— E o que mais é necessário? É ótimo, o senhor mesmo declarou: a maldade chocante, o combate encarniçado contra a depravação, o riso de desprezo contra a pessoa decaída... tudo está lá!

— Não, nem tudo! — exclamou de súbito Oblómov. — Retratar um ladrão, uma mulher caída, um palerma cheio de si, está certo, mas não esqueça a pessoa mesma. Onde está a humanidade? O senhor quer escrever só com a cabeça! — quase chiou Oblómov. — O senhor acha que, para os pensamentos, não é necessário o coração? Não, a vida frutifica com o amor. Estenda a mão para a pessoa caída, para que ela se levante, ou chore amargamente por ela, se pereceu, mas não zombe. Ame, lembre que ela é como o senhor, trate essa pessoa como se fosse a si mesmo, e aí, sim, eu lerei seus escritos e curvarei minha cabeça diante do senhor... — disse Oblómov e deitou-se de novo tranquilo no sofá. — Eles imaginam ladrões, uma mulher caída — disse —, mas esquecem o próprio homem, ou não são capazes de imaginá-lo. Então que tipo de arte é essa, que belezas poéticas os senhores encontraram? Ponham a nu o deboche, a sordidez, mas, por favor, sem a pretensão de fazer poesia.

— Então o senhor quer que se descreva a natureza: rosas, rouxinóis ou a geada da manhã, enquanto tudo ferve e se agita à nossa volta? Precisamos apenas da nua fisiologia da sociedade; agora não há espaço para canções...

— O homem, o homem, me deem o homem! — disse Oblómov. — Amem...

— Amar um agiota, um hipócrita, um funcionário tolo ou um ladrão... será possível? Aonde o senhor quer chegar? É evidente que o senhor tem interesse por literatura! — exaltou-se Piénkin.

— Não, é preciso castigá-los, bani-los do meio civil, da sociedade...

— Bani-los do meio civil! — exclamou de repente Oblómov, inspirado, e se pôs de pé diante de Piénkin. — Isso significa esquecer que dentro desse invólucro imprestável está presente um princípio mais elevado; que esse é um homem degradado, mas continua a ser um homem, exatamente como os senhores. Banir! E como o senhor vai banir seres humanos da esfera da humanidade, do seio da natureza, da misericórdia divina? — quase gritou, com os olhos em chamas.

— Está indo um pouco longe demais! — disse Piénkin por seu turno, com espanto.

Oblómov percebeu que tinha ido longe demais. Calou-se de repente, ficou parado um momento, bocejou e deitou-se lentamente no sofá. Os dois mergulharam no silêncio.

— Mas o que o senhor anda lendo? — perguntou Piénkin.

— Eu... livros de viagem, em geral.

Mais silêncio.

— Então vai ler o poema quando for publicado? Mandarei para o senhor... — perguntou Piénkin.

Oblómov fez um sinal negativo com a cabeça.

— Bem, e o meu conto, posso mandar?

Oblómov fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Na verdade, já está na hora de eu ir à tipografia! — disse Piénkin. — Sabe por que vim à sua casa? Queria convidar o senhor para ir ao parque Iekatieringof; tenho uma caleche. Amanhã preciso escrever um artigo sobre o passeio no parque: podíamos observar juntos o ambiente, e o senhor me apontaria aquilo que eu não percebesse; vai ser mais divertido. Venha...

— Não, não me sinto bem — respondeu Oblómov, franzindo o rosto e cobrindo-se com a manta.

— Tenho medo da umidade, o tempo ainda não está seco. Mas o senhor podia almoçar comigo hoje: vamos conversar... Tenho algumas preocupações...

— Não, toda a nossa redação vai almoçar hoje no São Jorge e de lá iremos para o passeio no parque. De noite tenho de escrever e despachar o texto para a tipografia de madrugada. Até logo.

— Até logo, Piénkin.

2.2.2 Narrador sobre a atividade de Iliá Ilitch

Assim se cumpriu o estágio de estudos de Oblómov. A data em que assistiu à última aula foram as Colunas de Hércules de seu conhecimento. A assinatura do diretor em seu diploma, como antes a marca da unha do professor em seu livro, assinalava a linha além da qual nosso herói já não julgava necessário estender seus esforços de adquirir conhecimentos. Sua cabeça constituía um complicado arquivo de grandes feitos mortos, de personalidades, épocas, religiões e cifras mortas, de verdades, conceitos e doutrinas políticas, econômicas, matemáticas e outras sem nenhum nexos. Parecia uma biblioteca formada apenas por tomos dispersos por vários setores do conhecimento. A cultura produzia um efeito estranho em Iliá Ilitch: para ele, entre a ciência e a vida, abria-se todo um abismo que ele nem tentava atravessar. Para ele, a vida era uma coisa, e a ciência era outra. Estudou todas as leis que existiam e as que já não existiam havia muito tempo, fez o curso de prática processual, mas, quando acontecia de haver um roubo em sua casa, e era preciso redigir um documento para a polícia, ele pegava uma folha de papel, pensava, pensava e acabava deixando a tarefa para um escrivão. A contabilidade na aldeia era feita pelo

estaroeste. “O que a ciência tem a ver com isso?”, refletia Oblómov em sua perplexidade. E voltou-se para a solidão sem o fardo do conhecimento, que poderia dar uma direção aos pensamentos que vagavam a esmo em sua cabeça ou que adormeciam com indolência. Então o que ele fazia? Continuava a delinear o esquema da própria vida. Nela, e não sem certo fundamento, ele encontrava tanta sabedoria e tanta poesia que, mesmo sem livros e sem estudos, a tarefa nunca se esgotava. Tendo deixado para trás o serviço público e a vida social, ele começou a resolver a questão da existência de outra forma, refletia sobre seu papel na vida e, por fim, descobriu que seu horizonte de atividade e de existência tinha de ser encontrado dentro dele mesmo. Entendeu que a felicidade familiar e os afazeres em sua propriedade constituíam o destino que lhe restara. Até então Oblómov não tinha uma ideia clara de suas finanças: às vezes Stolz cuidava disso para ele. Oblómov desconhecia suas receitas e suas despesas, nunca planejava nenhum orçamento — não fazia nada. O velho Oblómov deixou sua propriedade para o filho da mesma forma como a recebera do pai. Embora tivesse passado toda a vida na aldeia, não refletia a fundo, não quebrava a cabeça com técnicas novas, como fazem hoje em dia: de que forma descobrir novas fontes de produtividade da terra ou ampliar e reforçar as fontes antigas etc. Os campos eram cultivados do mesmo modo que no tempo do avô, bem como a maneira de comercializar os produtos continuava a mesma. Porém, o velho ficava muito satisfeito se a colheita fosse boa ou se o valor de venda fosse alto e desse uma receita maior do que no ano anterior: chamava isso de bênção divina. Ele só não gostava de invenções e de manobras para ganhar dinheiro. — Nossos pais e avós não eram mais tolos do que nós — dizia, em resposta a algum conselho que lhe parecesse prejudicial — e viviam muito felizes; como nós vivemos. Se Deus quisesse, não vamos passar fome. Recebendo da propriedade, e sem nenhuma manobra astuta, a renda necessária para almoçar e jantar todos os dias sem restrições, com a família e vários convidados, ele agradecia a Deus e considerava um pecado tentar ganhar mais. Se o administrador lhe pedia dois mil rublos, depois de pôr outros mil no bolso, e com lágrimas nos olhos reclamava do granizo, da seca, da safra ruim, o velho Oblómov se benzia e também com lágrimas nos olhos exclamava: “É a vontade de Deus; não se pode discutir com Deus! É preciso ser grato ao Senhor por aquilo que se tem”. Desde a morte dos velhos, os negócios da propriedade não só não tinham melhorado como ficaram ainda piores, conforme demonstrava a carta do estaroeste. Estava claro que Iliá Ilitch precisava ir até lá pessoalmente procurar de perto as causas da constante redução das receitas. Pretendia fazer isso, mas sempre adiava, em parte porque a viagem era para ele uma façanha, algo quase novo e desconhecido. Em sua vida, só fizera uma viagem, numa carruagem antiga, sem trocar de cavalos, em meio a almofadas de penas, arcas, malas, pernis de porco, bolos de passas, carne assada e frita, de vaca

e de várias aves, e em companhia de diversos criados. Assim ele concluía a única viagem de sua aldeia até Moscou, e aquela viagem se tornou a norma para as viagens em geral. Agora tinha ouvido dizer que não se viajava mais assim: era preciso galopar a toda a velocidade! Além disso, Iliá Ilitch adiava a viagem também porque não havia se preparado como devia para tratar de seus negócios. Já não era como seu pai ou seu avô. Tinha estudado, vivia na sociedade: tudo aquilo o conduzia a diversas ideias estranhas para eles. Entendia não só que a aquisição não era um pecado como também que o dever de todo cidadão era aumentar a riqueza geral por meio do trabalho honesto. Por isso, a maior parte do padrão de vida que Oblómov traçara em seu isolamento se dedicava a um plano novo, condizente com as necessidades do tempo, para reestruturar a propriedade e lidar com os camponeses. A ideia fundamental do plano, sua disposição e partes principais — tudo estava pronto havia muito tempo em sua cabeça; só restavam alguns detalhes, cálculos e números. Havia alguns anos que trabalhava arduamente em seu plano, pensava, refletia, andando, deitado, ou em companhia de outras pessoas; ora o complementava, ora mudava alguns itens, ora procurava na memória algo imaginado na véspera e esquecido durante a noite; e às vezes, de repente, como um raio, irrompia um pensamento novo, inesperado, aquilo entrava em ebulição em sua cabeça — e o trabalho recomeçava. Ele não era de forma alguma um mero executor de ideias alheias e prontas; era o criador e o executor das próprias ideias. Levantava da cama pela manhã e prontamente se deitava no sofá, depois do chá, com a cabeça apoiada na mão, e meditava sem poupar forças, até que por fim a cabeça se fatigava daquele trabalho árduo e a consciência lhe dizia: por hoje chega de trabalhar para o bem comum. Só então ele se resolvia a repousar dos trabalhos e substituir sua posição preocupada por outra, menos compenetrada e austera, mais confortável para o devaneio e a beatitude. Libertando-se das preocupações com os negócios, Oblómov gostava de mergulhar em si mesmo e viver num mundo criado por ele. Os prazeres dos pensamentos elevados lhe eram acessíveis; não era alheio às aflições humanas universais. Às vezes, no fundo da alma, chorava amargamente pelas desgraças da humanidade, experimentava sofrimentos obscuros, anônimos, uma angústia e uma aspiração de um lugar distante, provavelmente no outro mundo, para onde às vezes Stolz o atraía. Lágrimas doces corriam por seu rosto... Acontecia também de ele se encher de desprezo pela imperfeição humana, pela mentira, pela calúnia, pela maldade que se alastrava pelo mundo, ardia de desejo de mostrar aos homens suas chagas, e de súbito pensamentos se inflamavam dentro dele, ficavam rodando dentro de sua cabeça como ondas no mar, depois cresciam em forma de intenções, faziam todo o seu sangue pegar fogo, os músculos se punham em movimento, as veias se dilatavam, as intenções se transfiguravam em aspirações: movido por uma força moral, num minuto ele mudava de posição duas, três vezes e, com olhos

refulgentes, erguia metade do corpo na cama, estendia o braço e fitava ao redor com ar inspirado... Num instante, a aspiração ia se realizar, ia se converter numa proeza... e então, meu Deus! Que prodígios, que frutos maravilhosos se podiam esperar de um esforço tão sublime!... Mas, vejam, a manhã passa, o dia já declina rumo ao entardecer, e junto com o dia declinam também, rumo ao repouso, as forças fatigadas de Oblómov: a tormenta e as ondas se aquietam na alma, a cabeça já não está mais inebriada com os pensamentos, o sangue flui mais devagar nas veias. Oblómov, em silêncio, pensativo, gira o corpo e fica deitado de barriga para cima, lança um olhar tristonho para a janela, com tristeza acompanha o sol com os olhos, o sol que se põe grandioso atrás de um prédio de quatro andares. E quantas e quantas vezes ele acompanhou assim o pôr do sol! De manhã, de novo a vida, de novo a agitação, os devaneios! Ele adorava imaginar-se às vezes um comandante militar invencível, diante do qual não só Napoleão como também Ierusalan Lazariévitch¹ nada significam; inventava uma guerra e um motivo para ela: povos da África invadiam a Europa, ou ele organizava novas cruzadas, combatia para decidir o destino dos povos, arrasava cidades, era misericordioso, castigava, realizava proezas de bondade e de generosidade. Ou então entrava na arena como um pensador, um grande artista: todos o adoravam; ele colhia os louros; a multidão rastejava a seus pés, exclamando: “Vejam, vejam, lá vai Oblómov, o nosso famoso Iliá Ilitch!”. Em momentos amargos, ele sofria com preocupações, rodava de um lado para o outro, deitado com o rosto voltado para baixo, às vezes até perdia a cabeça completamente; nessas ocasiões se levantava da cama e ficava de joelhos, punha-se a rezar com fervor, com afínco, suplicava aos céus que repelissem de qualquer maneira a tormenta que o ameaçava. Depois, tendo transferido para os céus o fardo de seu destino, instalavam-se nele uma tranquilidade e uma indiferença por tudo no mundo — que a tempestade fizesse o que bem entendesse. Assim ele punha em movimento suas forças morais, assim ficava agitado não raro por dias inteiros, e então às vezes, com um suspiro profundo, só despertava de um devaneio fascinante ou de uma preocupação aflitiva quando o dia declinava rumo ao entardecer, e o sol, como uma esfera imensa, começava a descer grandiosamente atrás do prédio de quatro andares. Então ele mais uma vez acompanhava o sol com seu olhar pensativo e com seu sorriso tristonho e repousava serenamente de sua agitação. Ninguém conhecia nem via aquela vida interior de Iliá Ilitch: todos pensavam que Oblómov não tinha nada de mais; só fazia ficar deitado e regalar-se com a comida, e ninguém esperava mais nada dele; duvidavam até que articulasse pensamentos na cabeça. Era isso o que diziam sobre Oblómov, em toda parte, aqueles que o conheciam. Quanto a seus talentos, quanto ao trabalho interior vulcânico de sua cabeça ardente e de seu coração humanitário, só Stolz o conhecia em detalhes e podia dar testemunho, mas Stolz quase nunca estava em Petersburgo.

2.2.3 *Contenda sobre “o outro” com Zakhar*

— Percebe a falta que cometeu? — perguntou Iliá Ilitch.

“De que falta ele está falando?”, pensou Zakhar com amargura. “Deve ser alguma coisa patética; se ele ficar falando assim comigo, vou acabar chorando, mesmo sem querer.”

— Como assim, Iliá Ilitch? — começou Zakhar, com a nota mais grave de seu diapasão. — Não falei nada, só que, afinal, por favor...

— Não, espere aí! — cortou Oblómov. — Você não compreende o que fez? Vamos, coloque o copo na mesa e responda!

Zakhar nada respondeu e, positivamente, não compreendia o que tinha feito, mas aquilo não o impedia de olhar para o patrão com reverência; ele até curvou um pouco a cabeça, consciente de sua culpa.

— Então, como pode dizer que não é uma pessoa venenosa? — disse Oblómov.

Zakhar continuava calado, apenas piscou os olhos com força umas três vezes.

— Você ofendeu seu patrão! — pronunciou Iliá Ilitch com voz pausada e olhou fixamente para Zakhar, deliciando-se com sua perturbação.

De tanta angústia, Zakhar não sabia onde se enfiar.

— Então, não ofendeu? — perguntou Iliá Ilitch.

— Ofendi? — sussurrou Zakhar, totalmente desorientado com aquela nova palavra patética. Lançou um olhar para a direita, para a esquerda e para a frente, procurando a salvação em qualquer coisa, e de novo relampejaram na sua frente a teia de aranha, a poeira, o próprio reflexo no espelho e o rosto do patrão.

“Queria poder me enfiar terra adentro! Ah, morte, me acuda!”, pensou, vendo que não podia escapar da cena patética, para qualquer lado que virasse. E sentia também que piscava os olhos cada vez mais e que dali a pouco eles ficariam cheios de lágrimas.

Por fim respondeu ao patrão com a velha cantilena, só que em prosa.

— Como foi que ofendi o senhor, Iliá Ilitch? — falou quase chorando.

— Como? — repetiu Oblómov. — Você não sabe o que significa a palavra “outro”?

Parou, ainda fitando Zakhar.

— Será que vou ter de lhe dizer o que isso significa?

Zakhar virou-se, como um urso na toca, e deu um suspiro que encheu o quarto inteiro.

— O “outro” a quem você se refere é uma pessoa amaldiçoada, indigente, vulgar, sem educação, que vive na sujeira, na pobreza, em sótãos; pode dormir muito bem em cima de um trapo de

feltro num canto de um pátio. O que acontece com um homem assim? Nada. Come uma batata ou um peixe salgado. A penúria o arrasta de um canto para outro, e ele passa o dia inteiro correndo. Para ele, tanto faz se mudar para um apartamento novo. Olhe só o Liagáiev, ele poria sua régua debaixo do braço, embrulharia duas camisas num lenço de assoar o nariz e iria embora... “Para onde está indo?” “Estou me mudando”, diz ele. Esse é o “outro”! E, para você, eu sou igual ao “outro”, não é?

Zakhar olhou de relance para o patrão, mudou o pé de apoio e ficou em silêncio.

— O que é esse “outro”? — prosseguiu Oblómov. — O “outro” é uma pessoa que limpa as próprias botas, se veste sozinho, e, embora às vezes pareça até um patrão, é mentira, ele nem sabe o que é um criado; não tem ninguém que ele possa mandar fazer alguma coisa, ele mesmo corre atrás do que precisa; e põe sozinho a lenha na estufa, às vezes limpa a poeira...

— Tem muitos alemães que são assim — disse Zakhar com tristeza.

— Isso mesmo! E eu? Como pode achar que eu sou um “outro”?

— O senhor não é assim, é outro! — disse Zakhar em tom choroso, sem entender nada do que o patrão queria dizer. — Só Deus sabe o que foi que deu no senhor para...

— Eu sou “outro”, não é? Espere aí, me prove o que está dizendo! Analise bem como vive esse “outro”. O “outro” trabalha sem descanso, corre, vive ocupado — prosseguiu Oblómov —, e se não trabalhar não come. O “outro” se curva em reverência, o “outro” pede, se humilha... E eu? Vamos, decida: como você acha que eu sou um “outro”, hein?

— Chega, patrãozinho, pare de me atormentar com palavras patéticas — suplicou Zakhar. — Ah, meu Deus!

— Eu sou um “outro”! Mas por acaso fico correndo para lá e para cá, por acaso trabalho? Será que como pouco? Tenho um aspecto magro ou de dar pena? Por acaso me falta alguma coisa? Quero crer que tenho alguém para me servir, para fazer as coisas para mim! Nunca em minha vida calcei uma meia no pé, graças a Deus! Tenho razão para me preocupar? Por quê? E para quem estou dizendo tudo isto? Você não esteve sempre a meu lado desde a infância? Você sabe de tudo isso, viu que fui criado com carinho, que não passei frio, não passei fome nenhuma vez na vida, não conheci necessidades, não tive de ganhar meu alimento com o próprio trabalho e em geral não me ocupei com trabalhos servis. Então como é que você meteu na cabeça de me comparar com os outros? Será que tenho uma saúde igual à desses “outros”? Por acaso posso fazer tudo isso e ainda sobreviver?

Zakhar decididamente havia perdido toda a capacidade de entender as palavras de Oblómov; mas seus lábios incharam com a emoção que sentia por dentro; a cena patética retumbava como um trovão em cima de sua cabeça. Ficou calado.

— Zakhar! — repetiu Iliá Ilitch.

— O que o senhor deseja? — sussurrou Zakhar em tom quase inaudível.

— Traga um pouco mais de kvás para mim.

Zakhar trouxe o kvás, e quando Iliá Ilitch, depois de beber, deu a ele o copo, Zakhar seguiu depressa na direção de seu quarto.

— Não, não, espere! — disse Oblómov. — Eu lhe pergunto: como pode ofender de modo tão cruel seu patrão, que você levou nos braços quando bebê, a quem você sempre serviu e que é seu benfeitor?

Zakhar não conseguiu mais suportar: a palavra benfeitor o devastou! Começou a piscar os olhos cada vez mais. Quanto menos compreendia o que Iliá Ilitch lhe dizia em palavras patéticas, mais triste ficava.

— Iliá Ilitch, me perdoe — começou a fungar de arrependimento —, foi por estupidez, foi por pura estupidez que eu...

E Zakhar, sem entender o que fazia, não soube como escolher o verbo com que devia terminar a frase.

— E eu aqui — prosseguiu Oblómov, com a voz de uma pessoa ofendida e cujos méritos não foram reconhecidos —, dia e noite me preocupando, me empenhando, às vezes com a cabeça ardendo de febre, o coração sem forças, sem dormir de noite, me perguntando, sempre pensando em como fazer para melhorar... e por quê? Para quem? Tudo para vocês, para os camponeses; ou seja, para você também. Você, ao ver que eu às vezes estou com o cobertor em cima da cabeça, talvez pense que estou dormindo feito uma tora de madeira. Mas não, eu não estou dormindo, estou pensando, e pensando com muito esforço em maneiras de os camponeses não terem de passar dificuldades, não terem de sentir inveja dos camponeses de outros senhores, não terem de reclamar de mim para Deus no dia do Juízo Final, e para que rezem por mim e se lembrem de mim pelo bem que fiz. Ingratos! — exclamou Oblómov, com amarga censura.

Zakhar ficou decididamente abalado com as últimas palavras patéticas. Começou a chorar aos poucos; sibilos e roncoss se fundiram dessa vez numa só nota impossível para qualquer instrumento, a menos, talvez, para um gongo chinês ou para um tambor indiano.

— Querido patrãozinho Iliá Ilitch! — suplicou Zakhar. — Chega! Que Deus proteja sempre o senhor! Santa Mãe de Deus! Que desgraça foi acontecer de repente sem ninguém esperar...

— Ah, você — prosseguiu Oblómov, sem ouvi-lo —, você devia ter vergonha de dizer essas coisas! Aí está a serpente que se abriga em seu peito!

— Serpente! — exclamou Zakhar, abrindo os braços, e gemeu de tal modo que parecia que duas dezenas de besouros tinham entrado voando e zumbindo no quarto. — Quando foi que

falei de alguma serpente? — disse no meio de seus lamentos. — Nem em sonho eu vejo essas coisas imundas!

Os dois já haviam deixado de entender um ao outro, mas agora deixavam também de entender a si mesmos.

2.2.4 Frases soltas

“Lá, certa vez, acharam um cachorro que foi considerado louco só porque fugiu de pessoas que partiram em sua direção munidas de forcados e machados e depois sumiu em algum canto atrás do monte;”

“Olhe só o capotezinho que você usa: nem dá para contar os buracos! É preciso notar que o capote do cocheiro não tinha nenhum buraco.”

2.3 As Cismas do Destino, em Eu e Outras Poesias, de Augusto dos Anjos

AS CISMAS DO DESTINO

I

Recife, Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!
Na austera abóbada alta o fósforo alvo
Das estrelas luzia... O calçamento
Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,
Copiava a polidez de um crânio alvo.
Lembro-me bem. A ponte era comprida,
E a minha sombra enorme enchia a ponte,
Como uma pele de rinoceronte
Estendida por toda a minha vida!
A noite fecundava o ovo dos vícios
Animais. Do carvão da treva imensa
Caía um ar danado de doença
Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães famintos,
Atravessando uma estação deserta,
Uivava dentro do eu, com a boca aberta,
A matilha espantada dos instintos!
Era como se, na alma da cidade,
Profundamente lúbrica e revolta,
Mostrando as carnes, uma besta solta
Soltasse o berro da animalidade.
E aprofundando o raciocínio obscuro,
Eu vi, então, à luz de áureos reflexos,
O trabalho genésico dos sexos,
Fazendo à noite os homens do Futuro.
Livres de microscópios e escalpelos,
Dançavam, parodiando saraus cínicos,
Bilhões de centrossomas apolínicos
Na câmara promíscua do vitellus.
Mas, a irritar-me os globos oculares,
Apregoando e alardeando a cor nojenta,
Fetos magros, ainda na placenta,
Estendiam-me as mãos rudimentares!
Mostravam-me o apriorismo incognoscível
Dessa fatalidade igualitária,
Que fez minha família originária
Do antro daquela fábrica terrível!
A corrente atmosférica mais forte
Zunia. E, na ígnea crosta do Cruzeiro,
Julgava eu ver o fúnebre candeeiro
Que há de me alumiar na hora da morte.
Ninguém compreendia o meu soluço,
Nem mesmo Deus! Da roupa pelas brechas,
O ventobravo me atirava flechas
E aplicações hiemais de gelo russo.
A vingança dos mundos astronômicos
Enviava à terra extraordinária faca,

Posta em rija adesão de goma laca
Sobre os meus elementos anatômicos.
Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma força especial que me esperava!
Mas o vento cessara por instantes
Ou, pelo menos, o ignis sapiens do Orco
Abafava-me o peito arqueado e porco
Num núcleo de substâncias abrasantes.
É bem possível que eu um dia cegue.
No ardor desta letal tórrida zona,
A cor do sangue é a cor que me impressiona
E a que mais neste mundo me persegue!
Essa obsessão cromática me abate.
Não sei por que me vêm sempre à lembrança
O estômago esfaqueado de uma criança
E um pedaço de víscera escarlate.
Quisera qualquer coisa provisória
Que a minha cerebral caverna entrasse,
E até ao fim, cortasse e recortasse
A faculdade aziaga da memória.
Na ascensão barométrica da calma,
Eu bem sabia, ansioso e contrafeito,
Que uma população doente do peito
Tossia sem remédio na minh'alma!
E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfava, à guisa de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela tísica precoce.
Não! Não era o meu cuspo, com certeza
Era a expectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha,
Igual ao ruído de um calhau redondo
Arremessado no apogeu do estrondo,
Pelos fundibulários da montanha!
E a saliva daqueles infelizes
Inchava, em minha boca, de tal arte,
Que eu, para não cuspir por toda a parte,
Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísis!
Na alta alucinação de minhas cismas
O microcosmos líquido da gota
Tinha a abundância de uma artéria rota,
Arrebatada pelos aneurismas.
Chegou-me o estado máximo da mágoa!
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete
Vezeas que eu me furei com um canivete,
A hemoglobina vinha cheia de água!
Cuspo, cujas caudais meus beiços regam,
Sob a forma de mínimas camândulas,
Benditas sejam todas essas glândulas,
Que, quotidianamente, te segregam!
Escarrar de um abismo noutro abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do Cristianismo!
Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam
Eu não deixasse o meu cuspo carrasco,
Jamais exprimiria o acérrimo asco
Que os canalhas do mundo me provocam!

II

Foi no horror dessa noite tão funérea
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,
Com a força visualística do lince,
A falta de unidade na matéria!
Os esqueletos desarticulados,

Livres do acre fedor das carnes mortas,
Rodopiavam, com as brancas túbias tortas,
Numa dança de números quebrados!
Todas as divindades malfazejas,
Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos,
Imitando o barulho dos engasgos,
Davam pancadas no adro das igrejas.
Nessa hora de monólogos sublimes,
A companhia dos ladrões da noite,
Buscando uma taverna que os açoite,
Vai pela escuridão pensando crimes.
Perpetravam-se os atos mais funestos,
E o luar, da cor de um doente de icterícia,
Iluminava, a rir, sem pudicícia,
A camisa vermelha dos incestos.
Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me,
Mas um lampião, lembrava ante o meu rosto,
Um sugestionador olho, ali posto
De propósito, para hipnotizar-me!
Em tudo, então, meus olhos distinguiram
Da miniatura singular de uma aspa,
À anatomia mínima da caspa,
Embriões de mundos que não progrediram!
Ser cachorro! Ganir incompreendidos
Verbos! Querer dizer-nos que não finge,
E a palavra embrulhar-se na laringe,
Escapando-se apenas em latidos!
Despir a putrescível forma tosca,
Na atra dissolução que tudo inverte,
Deixar cair sobre a barriga inerte
O apetite necrófago da mosca!
A alma dos animais! Pego-a, distingo-a,
Acho-a nesse interior duelo secreto
Entre a ânsia de um vocábulo completo

E uma expressão que não chegou à língua!
Surpreendo-a em quatrilhões de corpos vivos,
Nos antiperistálticos abalos
Que produzem nos bois e nos cavalos
A contração dos gritos instintivos!
Tempo viria, em que, daquele horrendo
Caos de corpos orgânicos disformes
Rebentariam cérebros enormes,
Como bolhas febris de água, fervendo!
Nessa época que os sábios não ensinam,
A pedra dura, os montes argilosos
Criariam feixes de cordões nervosos
E o neuroplasma dos que raciocinam!
Almas pigméias! Deus subjuga-as, cinge-as
À imperfeição! Mas vem o Tempo, e vence-O,
E o meu sonho crescia nosilâncio,
Maior que as epopéias carolíngias!
Era a revolta trágica dos tipos
Ontogênicos mais elementares,
Desde os foraminíferos dos mares
À grei liliputiana dos pólipos.
Todos os personagens da tragédia,
Cansados de viver na paz de Buda,
Pareciam pedir com a boca muda
A ganglionária célula intermédia.
A planta que a canícula ígnea torra,
E as coisas inorgânicas mais nulas
Apregoavam encéfalos, medulas
Na alegria guerreira da desforra!
Os protistas e o obscuro acervo rijo
Dos espongiários e dos infusórios
Recebiam com os seus órgãos sensóricos
O triunfo emocional do regozijo.
E apesar de já não ser assim tão tarde,

Aquela humanidade parasita,
Como um bicho inferior, berrava, aflita,
No meu temperamento de covarde!
Mas, refletindo, a sós, sobre o meu caso
Vi que, igual a um amniota subterrâneo,
jazia atravassada no meu crânio
A intercessão fatídica do atraso!
A hipótese genial do microzima
Me estrangulava o pensamento guapo,
E eu me encolhia todo como um sapo
Que tem um peso incômodo por cima!
Nas agonias do delirium-tremens,
Os bêbedos alvares que me olhavam,
Com os copos cheios esterilizavam
A substância prolífica dos sêmens!
Enterravam as mãos dentro das goelas,
E sacudidos de um tremor indômito
Expeliam, na dor forte do vômito,
Um conjunto de gosmas amarelas.
Iam depois dormir nos lupanares
Onde, na glória da concupiscência,
Depositavam quase sem consciência
As derradeiras forças musculares.
Fabricavam destarte os bastodermas,
Em cujo repugnante receptáculo
Minha perscrutação via o espetáculo
De uma progênie idiota de palermas.
Prostituição ou outro qualquer nome,
por tua causa, embora o homem te aceite,
É que as mulheres ruins ficam sem leite
E os meninos sem pai morrem de fome!
Por que há de haver aqui tantos enterros?
Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata...
Há o malvado carbúnculo que mata

A sociedade infante dos bezerros!
Quantas moças que o túmulo reclama!
E após a podridão de tantas moças,
Os porcos espojando-se nas poças
Da virgindade reduzida à lama!
Morte, ponto final da última cena,
Forma difusa da matéria embele,
Minha filosofia te repele,
Meu raciocínio enorme te condena!
Diante de ti, nas catedrais mais ricas,
Rolam sem eficácia os amuletos,
Oh! Senhora dos nossos esqueletos
E das caveiras diárias que fabricas!
E eu desejava ter, numa ânsia rara,
Ao pensar nas pessoas que perdera,
A inconsciência das máscaras de cera
Que a gente prega, como um cordão, na cara!
Era um sonho ladrão de submergir-me
Na vida universal,e, em tudo imerso,
Fazer da parte abstrada do Universo,
Minha morada equilibrada e firme!
Nisto, pior que o remorso do assassino,
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,
Numa impressionadora voz interna,
o eco particular do meu Destino;

III

“Homem! por mais que a Idéia deintegres,
Nessas perquisições que não têm pausa,
Jamais, magro homem, saberás a causa
De todos os fenômenos alegres!
Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas
A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,
Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!)
O conteúdo das lágrimas hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas
lugar do Cosmos, onde a dor infrene
É feita como é feito o querosene
Nos recôncavos úmidos das hulhas!
Porque, para que a Dor perscrutes, fora
Mister que, não como és, em síntese, antes
Fosses, a refletir teus semelhantes,
A própria humanidade sofredora!
A universal complexidade é que Ela
Compreende. E se, por vezes, se divide,
Mesmo ainda assim, seu todo não RESIDENCIA
No quociente isolado da parcela!
Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!
Das papilas nervosas que há nos tatos
Veio e vai desde os tempos mais transatos
Para outros tempos que hão de vir ainda!
Como o machucamento das insônias
Te estraga, quando toda a estuada Idéia
Dás ao sôfrego estudo da ninféia
E de outras plantas dicotiledôneas!
A diáfana água alvíssima e a hórrida áscua
Que da ígnea flama bruta, estriada, espirra;
A formação molecular da mirra,
o cordeiro simbólico da Páscoa;
As rebeladas cóleras que rugem
No homem civilizado, e a ele se prendem
Como às pulseiras que os mascates vendem
A aderência teimosa da ferrugem;
O orbe feraz que bastos jojos acres
Produz'a rebelião que na batalha,
Deixa os homens deitados, sem mortalha,
Na sangueira concreta dos massacres;
Os sanguinolentíssimos chicotes
Da hemorragia; as nódoas mais espessas,

O achatamento ignóbil das cabeças,
Que ainda degrada os povos hotentotes;
O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo
Entra, à espera que a mansa vítima o entre,
-- Tudo que gera no materno ventre
A causa fisiológica do nojo;
As pálpebras inchadas na vigília,
As aves moças que perderam a asa,
O fogão apagado de uma casa,
Onde morreu o chefe da família;
O trem particular que um corpo arrasta
Sinistramente pela via férrea,
A cristalização da massa térrea,
O tecido da roupa que se gasta;
A água arbitrária que hiulcos caules grossos
Carrega e come; as negras formas feias
Dos aracnídeos e das centopéias,
O fogo-fátuo que ilumina os ossos;
As projeções flamívoras que ofuscam,
Como uma pincelada rembrandtesca,
A sensação que uma coalhada fresca
Transmite às mãos nervosas dos que a buscam;
O antagonismo de Tífon e Osíris,
O homem grande oprimindo o homem pequeno
A lua falsa de um parasselena,
A mentira meteórica do arco-íris;
Os terremotos que, abalando os solos,
Lembram paióis de pólvora explodindo,
A rotação dos fluidos produzindo
A depressão geológica dos pólos;
O instinto de procriar, a ânsia legítima
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,
O juramento dos guerreiros priscos
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma
Humano sofre da mania mística,
A pesada opressão característica
Dos dez minutos de um acesso de asma;
E, (conquanto contra isto ódios regougues)
A utilidade fúnebre da corda
Que arrasta a rês, depois que a rês engorda,
À morte desgraçada dos açougues...
Tudo isto que o terráqueo abismo encerra
Forma a complicação desse barulho
Travado entre o dragão do humano orgulho
E as forças inorgânicas da terra!
Por descobrir tudo isso, embalde cansas!
Ignoto é o gérmen dessa força ativa
Que engendra, em cada célula passiva,
A heterogeneidade das mudanças!
Poeta, feito malsão, criado com os sucos
De um leite mau, carnívoro asqueroso,
Gerado no atavismo monstruoso
Da alma desordenada dos malucos;
Última das criaturas inferiores
Governada por átomos mesquinhos,
Teu pé mata a uberdade dos caminhos
E esteriliza os ventres geradores!
O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,
Amálogo é ao que, negro e a seu turno,
Traz o ávido filóstomo noturno
Ao sangue dos mamíferos vorazes!
Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes
A perfeição dos seres existentes,
Hás de mostrar a cárie dos teus dentes
Na anatomia horrenda dos detalhes!
O Espaço -- esta abstração spencereana
Que abrange as relações de coexistência

E só! Não tem nenhuma dependência
Com as vértebras mortais da espécie humana!
As radiantes elipses que as estrelas
Traçam, e ao espectador falsas se antolham
São verdades de luz que os homens olham
Sem poder, no entretanto, compreendê-las.
Em vão, com a mão corrupta, outro éter pedes
Que essa mão, de esqueléticas falanges,
Dentro dessa água que com a vista abranges,
Também prova o princípio de Arquimedes!
A fadiga feroz que te esborda
Há de deixar-te essa medonha marca,
Que, nos corpos inchados de anasarca,
Deixam os dedos de qualquer pessoa!
Nem terás no trabalho que tiveste
A misericordiosa toalha amiga,
Que afaga os homens doentes de bexiga
E enxuga, à noite, as pústulas da peste!
Quando chegar depois a hora tranqüila,
Tu serás arrastado, na carreira,
Como um cepo inconsciente de madeira
Na evolução orgânica da argila!
Um dia comparado com um milênio
Seja, pois, o teu último Evangelho...
É a evolução do novo para o velho
E do homogêneo para o heterogêneo!
Adeus! Fica-te aí, com o abdômen largo
A apodrecer!... És poeira e embalde vibras!
O corvo que comer as tuas fibras
Há de achar nelas um sabor amargo!”

IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.
E os queixos, a exhibir trismos danados,
Eu puxava os cabelos desgrenhados

Como o Rei Lear, no meio da floresta!
Maldizia, com apóstrofes veementes,
No estentor de mil línguas insurretas,
O convencionalismo das Pandetas
E os textos maus dos códigos recentes!
Minha imaginação atormentada
Paria absurdos... Como diabos juntos,
perseguiam-me os olhos dos defuntos
Com a carne da esclerótica esverdeada.
Secara a clorofila das lavouras.
Igual aos sustentidos de uma endecha
Vinha-me às cordas glóticas a queixa
Das coletividades sofredoras.
O mundo resignava-se invertido
Nas forças principais do seu trabalho...
A gravidade era um princípio falho,
A análise espectral tinha mentido!
O Estado, a Associação, os Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios.
Eu queria correr, ir para o inferno,
Para que, da psique no oculto jogo,
Morressem sufocadas pelo fogo
Todas as impressões do mundo externo!
Mas a Terra negava-me o equilíbrio...
Na Natureza, uma mulher de luto
Cantava, espiando as árvores sem fruto.
A canção prostituta do ludíbrio.

3 LEGITIMIDADE DOS SABERES E SOBERANIA LEITORA NA INTERPRETAÇÃO

3.1 Discurso de Sr. Meursault, em *O Estrangeiro*, de Albert Camus

3.1.1 *Prefácio de Manuel da Costa Pinto*

A interpretação de Manuel da Costa Pinto, prefaciador da edição usada neste estudo, assim descreve o Sr. Meursault:

Meursault é um funcionário de escritório, na cidade de Argel, que assiste **indiferente** ao enterro da mãe, para em seguida se enamorar de uma ex-colega de trabalho e se deixar envolver numa trama de vingança amorosa que lhe é inteiramente alheia, mas cujos acasos o levarão a cometer um assassinato.

Estamos diante de uma **consciência esvaziada**, estranha (ou "estrangeira") a tudo, que vive no tempo presente e na **recusa de estabelecer nexos** entre a gratuidade dos fatos. (CAMUS, 2019, [s.p.]) [destaques nossos]

3.1.2 *Da carta a Raymond*

Declarou-me então que, justamente, queria pedir-me um conselho a propósito deste assunto, que eu, sim, era um homem que conhecia a vida, que podia ajudá-lo e que **em seguida ficaria meu amigo**. Não disse nada e ele me perguntou de novo se eu queria ser amigo dele. Respondi que tanto fazia; ele ficou com um ar satisfeito. [...] Raymond me disse que não se sentia capaz de escrever a carta necessária e que pensara em mim para redigi-la. Como eu nada dissesse, perguntou-me se me importava de fazê-lo agora mesmo. Respondi que não. [...] Escrevi a carta. Redigia um pouco sem pensar, mas **esforcei-me o mais possível para contentar Raymond, pois não tinha razão nenhuma para não contentá-lo**. [...] Tanto fazia ser ou não amigo dele, e ele parecia realmente ter vontade disso. (CAMUS, 2019, [s.p.]) [destaques nossos]

3.1.3 *Do relacionamento com Marie*

À noite, Marie veio buscar-me e perguntou se eu queria casar-me com ela. Disse que tanto fazia, mas que se ela queria, poderíamos nos casar. [...] Era ela, aliás, quem o perguntava, e eu me contentava em dizer que sim. Observou, então, que o **casamento era uma coisa séria**.

— **Não** — respondi.

Ela se calou durante alguns instantes, olhando-me em silêncio. Depois, falou. Queria simplesmente saber se, partindo de outra mulher com a qual tivesse **o mesmo relacionamento**, eu teria aceitado a mesma proposta.

— **Naturalmente** — respondi.

Perguntou então **a si própria se me amava**, mas **eu nada podia saber sobre isso**. (CAMUS, 2019, [s.p.]) [destaques nossos]

Outros trechos:

- *"eu estava com vontade de beijá-la",*
- *"Marie saltava de alegria",*
- *"assobiava e parecia muito contente",*
- *"Marie divertia-se espalhando as pétalas das flores",*

- *"Afastei-me com Marie e nos sentíamos um só nos nossos gestos e no contentamento"*
- *"as mais tenazes das minhas alegrias: cheiros de verão, o bairro que eu amava, um certo céu de entardecer, o riso e os vestidos de Marie"*
- *"Levei tempo para compreender nesse momento por que ele dizia 'sua amante', e para mim ela era Marie"*

3.1.4 Sobre a morte

o que me perturbava um pouco no meu raciocínio era esse frêmito terrível que sentia em mim ao pensar nesses vinte anos que faltavam para viver. O que tinha a fazer era sufocar esta sensação, imaginando o que seriam os meus pensamentos daqui a vinte anos, quando, apesar de tudo, chegasse a hora. A partir do momento em que se morre, é evidente que não importa como e quando. Portanto — e o difícil era não perder de vista tudo **o que este “portanto” representava em matéria de raciocínio** —, portanto, o melhor era aceitar a rejeição do meu recurso. (CAMUS, 2019, [s.p.]) [destaque nosso]

3.1.5 Sobre o julgamento

gostaria de tentar explicar-lhe cordialmente, quase com afeição, que nunca conseguira arrependê-lo verdadeiramente de nada. Estava sempre dominado pelo que ia acontecer, por hoje ou por amanhã. Mas, naturalmente, no estado a que me haviam levado, não podia falar a ninguém neste tom. Não tinha o direito de me mostrar afetuoso, de ter boa vontade. (CAMUS, 2019, [s.p.])

3.2 Conto Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?, de Mia Couto

Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?

1. SENHOR DOUTOR, LHE COMEÇO

Eu somos tristes. Não me engano, digo bem. Ou talvez: nós sou triste?

Porque dentro de mim, não sou sozinho. Sou muitos. E esses todos disputam minha única vida. Vamos tendo nossas mortes. Mas parto foi só um. Aí, o problema. Por isso, quando conto a minha história me misturo, mulato não das raças, mas de existências.

A minha mulher matei, dizem. Na vida real, matei uma que não existia.

Era um pássaro. Soltei-lhe quando vi que ela não tinha voz, morria sem queixar.

Que bicho saiu dela, mudo, através do intervalo do corpo?

O senhor, doutor das leis, me pediu de escrever a minha história. Aos poucos, um pedaço cada dia. Isto que eu vou contar o senhor vai usar no tribunal

para me defender. Enquanto nem me conhece. O meu sofrimento lhe interessa, doutor? Não me importa a mim, nem tão pouco. Estou aqui a falar, isto-isto, mas já não quero nada, não quero sair nem ficar. Seis anos que estou aqui preso chegaram para desaprender a minha vida. Agora, doutor, quero só ser moribundo. Morrer é muito de mais, viver é pouco. Fico nas metades.

Moribundo. Está-me a rir de mim?

Explico: os moribundos tudo são permitidos. Ninguém goza-lhes. O respeito dos mortos eles antecipam, pré-falecidos. O moribundo insulta-nos? Perdoamos, com certeza. Cagam nos lençóis, cospem no prato? Limpamos, sem mais nada. Arranja lá uma maneira, senhor doutor. Desarasca lá uma maneira de eu ficar moribundo, submorto.

Afinal, estou aqui na prisão porque me destinei prisioneiro. Nada, não foi ninguém que queixou. Farto de mim, me denunciei. Entreguei-me eu mesmo. Devido, talvez, o cansaço do tempo que não vinha. Posso esperar, nunca consigo nada. O futuro quando chega não me encontra. Onde estou, afinal eu? O lugar da minha vida não é esse tempo?

Deixo os pensamentos, vou directo na história. Começo no meu cunhado Bartolomeu. Aquela noite que ele me veio procurar, foi onde iniciaram desgraças.

2. ASAS NO CHÃO, BRASAS NO CÉU

A luz emagrecia. Restava só um copo de cu. Em casa do meu cunhado Bartolomeu preparava-se o fim do dia. Ele espreitou a palhota: a mulher, mexedora, agitava as últimas sombras do xipefo. A mulher deitava mas Bartolomeu estava inquieto. O adormecimento demorou de vir. Lá fora um mocho piava desgraças. A mulher não ouviu o pássaro que avisa a morte, já dormia entregue ao corpo. Bartolomeu falou-se:

— Vou fazer o chá: talvez bom para eu garrar maneira de dormir.

O lume estava ainda a arder. Tirou um pau de lenha e soprou nele.

Sacudi dos olhos as migalhas do fogo. Na atrapalhão deixou a lenha acesa cair nas costas da mulher. O grito que ela deu, nunca ninguém ouviu. Não era som de gente, era grito de animal. Voz de hiena, com certeza. Bartolomeu saltou no susto: estou casado com quem, afinal? Uma nóii? (Nóii: feiticeira) Essas mulheres que noite transformam em animais e circulam no serviço da feitiçaria? A mulher, na frente da aflição dele, rastejava a sua dor queimada. Como

um animal. Raio da minha vida, pensou Bartolomeu. E fugiu de casa. Atravessou a aldeia, rápido, para me contar. Chegou a minha casa, os cães agitaram. Entrou sem bater, sem licenças. Contou-me o sucedido assim como agora estou a escrever. Desconfiei, no início. Bêbado, talvez o Bartolomeu trocou as lembranças. Cheirei o hálito da sua queixa. Não arejava bebida. Era verdade, então. Bartolomeu repetia a história duas, três, quatro vezes. Eu ouvia aquilo e pensava: e se a minha mulher também é uma igual? Se é uma nóii, também? Depois de Bartolomeu sair, a ideia me prendia os pensamentos. E se eu, sem saber, vivia com uma mulher-animal? Se lhe amei, então troquei a minha boca com um focinho. Como aceitar desculpas da troca? Lugar de animal é na esteira, algum dia? Bichos vivem e revivem nos currais, para lá dos arames. Se essa mulher, fidalga, me enganou, fui eu que animei. Só havia uma maneira de provar se Carlota Gentina, minha mulher, era ou não uma nóii. Era surpreender-lhe com um sofrimento, uma dor funda. Olhei em volta e vi a panela com água a ferver. Levantei e reguei o corpo dela com fervuras. Esperei o grito mas não veio. Não veio, mesmo. Ficou assim, muda, chorando sem soltar barulho. Era um silêncio enroscado, ali na esteira. Todo o dia seguinte, não mexeu. Carlota, a coitada, era só um nome deitado. Nome sem pessoa: só um sono demorado no corpo. Sacudi-lhe nos ombros:

— Carlota, porquê não mexes? Se sofres, porquê não gritas?

Mas a morte é uma guerra de enganos. As vitórias são só derrotas adiadas.

A vida enquanto tem vontade vai construindo a pessoa. Era isso que Carlota precisava: a mentira de uma vontade. Brinquei de criança para fazer-lhe rir.

Saltei como gafanhoto em volta da esteira. Choquei com as latas, entornei o barulho sobre mim. Nada. Os olhos dela estavam amarrados na distância, olhando o lado cego do escuro. Só eu me ria, embrulhado nas panelas. Me levantei, sufocado no riso e saí para estourar gargalhadas loucas lá fora.

Gargalhei até cansar. Depois, aos poucos, fiquei vencido por tristezas, remorsos antigos. Voltei para dentro e pensei que ela havia de gostar ver o dia, elasticar as pernas. Trouxe-lhe para fora. Era tão leve que o sangue dela devia ser só poeira vermelha. Sentei Carlota virada para o poente. Deixei o fresco tapar o seu corpo. Ali, sentada no quintal, morreu Carlota Gentina, minha mulher. Não notei logo aquela sua morte. Só vi pela lágrima dela que parara nos olhos. Essa lágrima era já água da morte.

Fiquei a olhar a mulher estendida no corpo dela. Olhei os pés, rasgados como o chão da terra. Tanto andaram nos carreiros que ficaram irmãos da areia. Os pés dos mortos são grandes, crescem depois do falecimento. Enquanto media a morte de Carlota eu me duvidava: que doença era aquela sem inchaço nem gemidos. Água quente pode parar assim a idade de uma pessoa? Conclusão que tirei dos pensamentos: Carlota Gentina era um pássaro, desses que perdem voz nos contravento.

3. SONHOS DA ALMA ACORDARAM-ME DO CORPO

Sonhei-lhe. Ela estava no quintal, trabalhando no pilão. Pilava sabe o quê?

Água. Pilava água. Não, não era milho, nem mapira, nem o quê. Água, grãos do céu.

Aproximei. Ela cantava uma canção triste, parecia que estava a adormecer a si própria. Perguntei a razão daquele trabalho.

— Estou a pilar.

— Esses são grãos?

— São tuas lágrimas, marido.

Foi então: vi que ali, naquele pilão, estava a origem do meu sofrimento.

Pedi que parasse mas a minha voz deixou de se ouvir. Ficou cega a minha garganta. Só aquele tunc-tunc-tunc do pilão sempre batendo, batendo, batendo.

Aos poucos, fui vendo que o barulho me vinha do peito, era o coração me castigando. Invento? Inventar, qualquer pode. Mas eu daqui da cela só vejo as paredes da vida. Posso sentir um sonho, perfume passante. Agarrar não posso.

Agora, já troquei minha vida por sonhos. Não foi só esta noite que sonhei com ela. A noite antepassada, doutor, até chorei. Foi porque assisti minha morte. Olhei no corredor e vi sangue, um rio dele. Era sangue órfão. Sem o pai que era o meu braço cortado. Sangue detido como o dono. Condenado. Não lembro como cortei. Tenho memória escura, por causa dessas tantas noites que bebi.

E sabe, nesse tal sonho, quem salvou o meu sangue espalhado? Foi ela.

Apanhou o sangue com as suas mãos antigas. Limpou aquele sangue, tirou a poeira, carinhosa. Juntou os pedaços e ensinou-lhes o caminho para regressar ao meu corpo. Depois ela me chamou com esse nome que eu tenho e que já esqueci, porque ninguém me chama. Sou um número, em mim uso algarismos não letras.

O senhor me pediu para confessar verdades. Está certo, matei-lhe. Foi

crime? Talvez, se dizem. Mas eu adoeço nessa suspeita. Sou um vivo, não desses que enterra as lembranças. Esses têm socorro do esquecimento. A morte não afasta-me essa Carlota. Agora, já sei: os mortos nascem todos no mesmo dia. Só os vivos têm datas separadas. Carlota voou? Daquela vez que lhe entornei água foi na mulher ou no pássaro? Quem pode saber? O senhor pode?

Uma coisa eu tenho máxima certeza: ela ficou, restante, por fora do caixão. Os que choravam no enterro estavam cegos. Eu ria. É verdade, ria. Porque dentro do caixão que choravam não havia nada. Ela fugira, salva nas asas. Me viram rir assim, não zangaram. Perdoaram-me. Pensaram que eram essas gargalhadas que não são contrárias da tristeza. Talvez eram soluços enganados, suor do sofrimento. E rezavam. Eu não, não podia. Afinal, não era uma morta falecida que estava ali. Muito-muito era um silêncio na forma de bicho.

4. VOU APRENDER A SER ÁRVORE

De escrever me cansei das letras. Vou ultimar aqui. Já não preciso defesa, doutor. Não quero. Afinal das contas, sou culpado. Quero ser punido, não tenho outra vontade. Não por crime mas por meu engano. Explicarei no final qual esse engano. Há seis anos me entreguei, prendi-me sozinho. Agora, próprio eu me condeno.

De tudo estou agradecido, senhor doutor. Levei seu tempo, só de graça. O senhor me há-de chamar de burro. Já sei, aceito. Mas, peço desculpa, se faz favor: o senhor, sabe o que da minha pessoa? Não sou como outros: penso o que aguento, não o que preciso. O que desconsigo não é de mim. Falha de Deus, não minha. Porquê Deus não nos criou já feitos? Completos, como foi nascido um bicho a quem só falta o crescimento. Se Deus nos fez vivos porque não deixou sermos donos da nossa vida?

Assim, mesmo brancos somos pretos. Digo-lhe, com respeito. Preto o senhor também. Defeito da raça dos homens, esta nossa de todos. Nossa voz, cega e rota, já não manda. Ordens só damos nos fracos: mulheres e crianças. Mesmo esses começam a demorar nas obediências. O poder de um pequeno fazer os outros mais pequenos, pisar os outros como ele próprio é pisado pelos maiores. Rastejar é o serviço das almas. Costumadas ao chão como que podem acreditar no céu?

Descompletos somos, enterrados terminamos. Vale a pena ser planta,

senhor doutor. Mesmo vou aprender a ser árvore. Ou talvez pequena erva porque árvore aqui dentro não dá. Porqu os baloii (Baloii: feiticeiros, deitadores de sorte {plural de nóii}) não tentam de ser plantas, verde-sossegadas? Assim, eu não precisava matar Carlota. Só lhe desplantava, sem crime, sem culpa.

Só tenho medo de uma coisa: de frio. Toda a vida sofri do frio. Tenho paludismo não é no corpo, é na alma. O calor pode apertar: sempre tenho tremuras. O Bartolomeu, meu cunhado, costumava dizer: “fora de casa sempre faz frio.” Está certo. Mas eu, doutor, que casa eu tive? Nenhuma. Terra nua, sem aqui nem onde. Num lugar assim, sem chegada nem viagem, preciso aprender espertezas. Não dessas que avançam na escola. Esperteza redonda, esperteza sem trabalho certo nem contrato com ninguém.

Nesta carta última o senhor me vê assim, desistido. Porquê estou assim?

Porque o Bartolomeu me visitou hoje e me contou tudo como se passou. No enfim, compreendi o meu engano. Bartolomeu me concluiu: afinal a sua mulher, minha cunhada, não era uma nóii. Isso ele confirmou umas tantas noites.

Espreitava de vigia para saber se a mulher dele tinha ou não outra ocupação nocturna. Nada, não tinha. Nem gatinhava, nem passarinhava. Assim, Bartolomeu provou o estado de pessoa da sua esposa.

Então, pensei. Se a irmã da minha mulher não era nóii, a minha mulher também não era. O feitiço mal de irmãs, doença das nascenças. Mas eu como podia adivinhar sozinho? Não podia, doutor.

Sou filho do meu mundo. Quero ser julgado por outras leis, devidas da minha tradição. O meu erro não foi matar Carlota. Foi entregar a minha vida a este seu mundo que não encosta com o meu. Lá, no meu lugar, me conhecem. Lá podem decidir das minhas bondades. Aqui, ninguém. Como posso ser defendido se não arranjo entendimento dos outros? Desculpa, senhor doutor: justiça só pode ser feita onde eu pertenço. Só eles sabem que, afinal, eu não conhecia que Carlota Gentina não tinha asas para voar.

Agora já é tarde. Só reparo o tempo quando já passou. Sou um cego que vê muitas portas. Abro aquela que está mais perto. Não escolho, tropeço a mão no fecho. Minha vida não é um caminho. É uma pedra fechada à espera de ser areia. Vou entrando nos grãos do chão, devagarinho. Quando me quiserem enterrar já eu serei terra. Já que não tive vantagem na vida, esse ser o privilégio da minha morte.

4 MANIFESTO DE ARTE ABJETA

4.1 Trechos de Diário de um ladrão, de Jean Genet

Destaque (amarelo) - Posição 1075

quanto maior, aos olhos de vocês, fosse a minha culpa inteira, totalmente assumida, maior seria a minha liberdade. Mais perfeita a minha solidão e a minha unicidade. Com a minha culpa eu ainda ganhava direito à inteligência.

Destaque (amarelo) - Posição 1119

Para o detento a prisão oferece o mesmo sentimento de segurança que um palácio real para o convidado de um rei. São os dois prédios construídos com a maior fé, aqueles que dão a maior certeza de serem o que são — que são o que quiserem ser, e assim permanecem. A alvenaria, os materiais, as proporções, a arquitetura estão de acordo com um conjunto moral que torna indestrutíveis essas moradias enquanto a forma social de que são o símbolo permanecerá. A prisão me cerca de uma garantia perfeita.

Destaque (amarelo) - Posição 1310

Cada reflexão ouvida me parece exata, mesmo a mais estapafúrdia.

Destaque (amarelo) - Posição 1426

tanta consciência destrói a vergonha e me concede um sentimento que pouco se conhece: o orgulho. Vocês que me desprezam não são feitos de outra coisa senão uma sucessão de idênticas misérias, mas disso vocês nunca terão consciência, e por ela o orgulho, isto é, o conhecimento de uma força que lhes permite enfrentar a miséria — não a miséria de vocês, mas aquela de que a humanidade é composta”.

Destaque (amarelo) - Posição 1532

minha vida deve ser lenda, isto é, legível, e sua leitura dar vida a uma nova emoção que chamo de poesia. Sou apenas um pretexto.

Destaque (amarelo) - Posição 1676

Pensei estar percebendo as coisas com uma evidente lucidez. Tendo, até mesmo a mais comum, perdido a sua significação habitual, cheguei a imaginar se era verdade que a gente bebia num copo ou calçava um sapato. Descobrimo o sentido singular de cada coisa, a ideia de numeração me abandonava.

Destaque (amarelo) - Posição 1693

quando aceitar ficar emocionado e, recusando à emoção o direito de me comandar, eu o examinar com a mesma lucidez, terei conhecimento do meu amor; a partir dele, irei estabelecer relações com o mundo: e nascerá então a inteligência.

Destaque (amarelo) - Posição 2095

Por exemplo, nenhum pobre teria dito para o outro, em tom de comiseração: “Deixa pra lá, velho, tudo isso passa.” Aqueles cavalheiros tinham tato.

Destaque (amarelo) - Posição 2106

Grande seria a minha alegria de poder chamá-lo de vadio, pulha, canalha, crápula, malandro, trapaceiro, lindos nomes encarregados de evocar aquilo que por mofa vocês denominam bela companhia. Ora, estas palavras cantam. Cantarolam. Evocam também para vocês os mais doces e ágeis prazeres, pois, em surdina, fazendo-os anteceder por querido, adorável ou bem-amado que elas sutilmente atraem, vocês as murmuram para os seus amantes.

Destaque (amarelo) - Posição 2277

a cada acusação feita contra mim, até mesmo injusta, do fundo do coração, responderei sim. Mal tinha pronunciado esta palavra — ou a frase que a significava — dentro de mim eu sentia a necessidade de me tornar o que me tinham acusado de ser. Tinha 16 anos. Já me entenderam: em meu coração, eu não conservava lugar nenhum onde se pudesse localizar o sentimento da minha inocência. Eu me reconhecia o covarde, o traidor, o ladrão, o veado que viam em mim. Uma acusação pode ser feita sem prova, mas a fim de me achar culpado terei a impressão de que devia ter cometido os atos que fazem os traidores, os ladrões, os covardes, mas nada disso acontecera: dentro de mim, com um pouco de paciência, com a reflexão, eu descobria razões bastantes para que me dessem esses nomes. E me espantava de me descobrir composto de imundícies. Tornei-me abjeto. Pouco a pouco, acostumei-me com esse estado. Tranquilamente o confessarei.

Destaque (amarelo) - Posição 2286

Mesmo quando enfrentava o desprezo das crianças ou dos homens, era só a mim que eu tinha de vencer, pois tratava-se não de modificar os outros mas a mim mesmo. O meu poder sobre o meu eu se tornou grande, mas, ao exercê-lo assim sobre o meu ser interior, tornei-me muito desastrado sobre o mundo.

Destaque (amarelo) - Posição 2360

Nada no mundo era insólito: as estrelas sobre a manga de um general, as cotações da Bolsa, a colheita das azeitonas, o estilo judiciário, o mercado do grão, os canteiros de flores... Nada. Essa ordem, temível, temida, de que todos os detalhes estavam em conexão exata tinha um sentido: o meu exílio.

Destaque (amarelo) - Posição 2553

Assim também os juízes. As suas roupas são ridículas. Os seus hábitos, cômicos. Se os considero, julgo-os e me preocupo com a inteligência deles.

Destaque (amarelo) - Posição 2859

Ele me pareceu inteligente. O que quer dizer que ele ousara ultrapassar as regras morais, não inconscientemente, com a decepcionante facilidade dos rapazes que as ignoram, ao contrário, era ao preço de um esforço muito grande, na certeza de perder um tesouro inestimável, mas com a certeza ainda de criar outro, mais precioso do que aquele que estava perdendo.

4.2 Monólogo de Carmem: segundo ato, em Memórias de minhas carnes, de Camila Dalvi

Eu empresto às coisas dos outros mesmo. Por exemplo, as saias e os vestidos de minhas amigas que foram emprestados a mim, eu empresto para outras — e nem precisam ser amigas. Até mesmo. Até mesmo certos xales, vermelhos de grossas franjas. Se “quem empresta não presta”, minhas amigas não prestam, e emprestam — num acesso de volúpia de possuir algo de que alguém precisa — coisas suas. É se espalham confortavelmente no mundo. É muita posse de mundo, é muita pretensão chamar algo de seu. E elas não prestam então! E acabo por emprestar

também, fácil que sou, do mundo que sou. Por isso nem presto também: é óbvio. Já que empresto. E, maliciosamente, o que não é meu. Faço girar à grande roda de imprestabilidade humana: e quem disse que euzinha, Carmem, não gosto disso? Prestar é que não presta, por isso empresto. Agora, se, por outro lado, “emprestar o já emprestado tem cem anos de perdão”, destruo tudo e desembaralho a ordem: não quero. Não quero pensar nessa possibilidade. Quero apenas justificar — aliás, nem isso; não sinto culpa — por fazer rodarem as saias rodadas ou não, das amigas rodadas ou não. Viabilizo a prática, porque o mundo é meu. Eu empresto minha sensibilidade para o mundo, meu sentir, minha pele toda inteira imersa nesse vasto sentir. Posso pegar o que eu quiser dele. Sou dona e produto, sempre alterado, cópia esquecida de que tenha havido mesmo um original — original: essa lenda assustadora. Extravaso meu sentir de mundo. Por que não o usar, então? E, num acesso de superioridade, sentir-me digna de emprestar o que nem é meu porque notei o caos de tudo antes de outros? Perdoe-se quem não sabe dessa particularidade do mundo: estou aqui para oferecer-lhes o pão e assumir toda e qualquer culpa.

5 DIVERSOS (SUGESTÕES DOS PARTICIPANTES)

5.1 Traduções de trecho sobre “cativar” d’O Pequeno Príncipe

5.1.1 Português

E foi então que apareceu a raposa:

- Bom dia, disse a raposa.

- Bom dia, respondeu polidamente o príncipezinho, que se voltou, mas não viu nada.

Eu estou aqui, disse a voz, debaixo da macieira...

- Quem és tu? perguntou o príncipezinho. Tu és bem bonita...

- Sou uma raposa, disse a raposa

- Vem brincar comigo, propôs o príncipezinho. Estou tão triste - Eu não posso brincar contigo, disse a raposa. Não me cativaram ainda.

- Ah! desculpa, disse o príncipezinho.

Após uma reflexão, acrescentou:

- Que quer dizer "cativar"?

- Tu não és daqui, disse a raposa. Que procuras?

- Procuro os homens, disse o príncipezinho - Que quer dizer "cativar"?

- Os homens, disse a raposa, têm fuzis e caçam. É bem incômodo! Criam galinhas também. É a única coisa interessante que eles fazem - Tu procuras galinhas?

- Não, disse o príncipezinho. Eu procuro amigos. Que quer dizer "cativar"? - É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços.

- Criar laços?

Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

Começo a compreender, disse o príncipezinho.

Existe uma flor... . Eu creio que ela me cativou ...

É possível, disse a raposa. Vê-se tanta coisa na Terra ...

- Oh! não foi na Terra, disse o príncipezinho.

A raposa pareceu intrigada:

- Num outro planeta?

- Sim.

- Há caçadores nesse planeta?

- Não.

- Que bom! E galinhas?

- Também não.

- Nada é perfeito, suspirou a raposa. Mas a raposa voltou à sua idéia.

- Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E por isso eu me aborreço um pouco. Mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra.

O teu me chamará para fora da toca, como se fosse música. E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo?

Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste Mas tu tens cabelos cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo ...

A raposa calou-se e considerou por muito tempo o príncipe:

- Por favor... cativa-me disse ela.

- Bem quisera, disse o príncipezinho, mas eu não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.

- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos, Se tu queres um amigo, cativa-me!

Que é preciso fazer? perguntou o príncipezinho.

É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto ...

No dia seguinte o príncipezinho voltou.

- Teria sido melhor voltares à mesma hora, disse a raposa. Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração ...

É preciso ritos.

- Que é um rito? perguntou o príncipezinho.

- É uma coisa muito esquecida também, disse a raposa, É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias; uma hora, das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo, possuem um rito. Dançam na quinta-feira com as moças da aldeia. A quinta-feira então é o dia maravilhoso!

Vou passear até a vinha. Se os caçadores dançassem qualquer dia, os dias seriam todos iguais, e eu não teria férias!

Assim o príncipezinho cativou a raposa. Mas, quando chegou a hora da partida, a raposa disse:

- Ah! Eu vou chorar.

- A culpa é tua, disse o príncipezinho, eu não te queria fazer mal; mas tu quiseste que eu te cativasse ...

- Quis, disse a raposa.

- Mas tu vais chorar! disse o príncipezinho.

- Vou, disse a raposa.

- Então, não saís lucrando nada!

- Eu lucro, disse a raposa, por causa da cor do trigo.

Depois ela acrescentou:

- Vai rever as rosas. Tu compreenderás que a tua é a única no mundo. Tu voltarás para me dizer adeus, e eu te farei presente de um segredo.

Foi o príncipezinho rever as rosas:

- Vós não sois absolutamente iguais à minha rosa, vós não sois nada ainda. Ninguém ainda vos cativou, nem cativastes a ninguém. Sois como era a minha raposa. Era uma raposa igual a cem mil outras. Mas eu fiz dela um amigo.

Ela é agora única no mundo.

E as rosas estavam desapontadas.

- Sois belas, mas vazias, disse ele ainda. Não se pode morrer por vós. Minha rosa, sem dúvida um transeunte qualquer pensaria que se parece convosco. Ela sozinha é, porém, mais importante que vós todas, pois foi a ela que eu reguei. Foi a ela que pus sob a redoma. Foi a ela que abriguei com o pára-vento. Foi dela que eu matei as larvas (exceto duas ou três por causa das borboletas). Foi a ela que eu escutei queixar-se ou gabar-se, ou mesmo calar-se algumas vezes. É a minha rosa.

E voltou, então, à raposa:

- Adeus, disse ele...

- Adeus, disse a raposa. Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

- O essencial é invisível para os olhos, repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar. - Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante.

- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar.

- Os homens esqueceram essa verdade, disse a raposa. Mas tu não a deveses esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa...

- Eu sou responsável pela minha rosa... repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar.

5.1.2 Espanhol

Apareció entonces el zorro;

-Buenos días -saludó el zorro.

-Buenos días -contestó amablemente el principito que al darse vuelta en dirección a la voz no vio a nadie.

-Si me buscas, aquí estoy -aclaró el zorro- debajo del manzano...

-Pero..., ¿quién eres tú? -preguntó el principito-. Eres muy hermoso...

-Soy un zorro -dijo el zorro.

-Acércate..., ven a jugar conmigo -propuso el principito-. ¡Estoy tan triste!...

-¿Jugar contigo? No..., no puedo -dijo el zorro-. Aún no estoy domesticado.

-¡Ah! Perdón -se excusó el principito.

Interrogó, luego de meditar un instante:

-¿Has dicho “domesticar”? ¿Qué significa “domesticar”?

-Tú no eres de aquí -afirmó el zorro-. Puedes decirme ¿qué es lo que buscas?

-Busco a los hombres -respondió el principito-. Dime, ¿qué significa “domesticar”?

-Los hombres -intentó explicar el zorro- poseen fusiles y cazan. Eso es bien molesto. Crían también

gallinas; es su único interés. Tú buscas gallinas, ¿verdad?

-No -dijo el principito-. Busco amigos. ¿Qué significa “domesticar”?

-¡Ah!..., es una cosa muy olvidada -respondió el zorro-. Significa “crear lazos”.

-¿Crear lazos? -preguntó el principito.

-Así es -confirmó el zorro-. Tú para mí, no eres más que un jovencito semejante a cien mil muchachitos. Además, no te necesito. Tampoco tú a mí. No soy para ti más que un zorro parecido

a cien mil zorros. En cambio, si me domesticas..., sentiremos necesidad uno del otro. Serás para mí único en el mundo. Seré para ti único en el mundo...

-Creo que empiezo a entender -dijo el principito-. Hay una flor... Creo que me ha domesticado.

-Es probable -contestó el zorro-. En este planeta, en la Tierra, ¡pueden ocurrir todo tipo de cosas...!

-¡Oh! No es en la Tierra -se apresuró a decir el principito.

El zorro se quedó no menos que intrigado.

-¿Acaso en otro planeta?

-Sí.

-¿Puedes decirme si hay cazadores en ese planeta?

-¡Oh, no! No los hay.

-Me está resultando muy interesante. ¿Hay gallinas?

-No.

-No existe nada que sea perfecto -dijo el zorro suspirando.

Luego prosiguió:

-Mi vida es algo aburrida. Cazo gallinas y los hombres me cazan. Todas las gallinas se parecen como también los hombres se parecen entre sí. Francamente me aburro un poco. Estoy seguro que..., si me domesticas mi vida se verá envuelta por un gran sol. Podré conocer un ruido de pasos

que será bien diferente a todos los demás. Los otros pasos, me hacen correr y esconder bajo la tierra. Pero el tuyo sin embargo, me llamará fuera de la madriguera, como una música. ¡Mira! ¿Puedes ver allá a lo lejos los campos de trigo? Yo no como pan, por lo que para mí el trigo es inútil. Los campos de trigo nada me recuerdan. ¡Es triste! Pero tú tienes cabellos de color oro. Cuando me hayas por fin domesticado, el trigo dorado me recordará a ti. Y amaré el sonido del viento en el trigo...

El zorro en silencio, miró por un gran rato al principito.

-Por favor... ¡domestícame! -suplicó.

-Lo haría, pero... no dispongo de mucho tiempo -contestó el principito. Quisiera encontrar amigos

y conocer muchas cosas.

-¿Sabes...? Sólo se conocen las cosas que se domestican -afirmó el zorro. Los hombres carecen ya

de tiempo. Compran a los mercaderes cosas ya hechas. Y... como no existen mercaderes de amigos,

es muy simple, los hombres ya no tienen amigos. Si realmente deseas un amigo, ¡domestícame!

-Y... ¿qué es lo que debo hacer? -preguntó el principito.

-Debes tener suficiente paciencia -respondió el zorro-. En un principio, te sentarás a cierta distancia,

algo lejos de mí sobre la hierba. Yo te miraré de reojo y tú no dirás nada. La palabra suele ser fuente

de malentendidos. Cada día podrás sentarte un poco más cerca.

Al otro día el principito volvió:

-Lo mejor es venir siempre a la misma hora -dijo el zorro-. Si sé que vienes a las cuatro de la tarde,

comenzaré a estar feliz desde las tres. A medida que se acerque la hora más feliz me sentiré. ¡A las cuatro estaré agitado e inquieto; comenzaré a descubrir el precio de la felicidad! En cambio, si vienes a distintas horas, no sabré nunca en qué momento preparar mi corazón... Los ritos son necesarios.

-¿Qué son los ritos? -preguntó el principito.

-Se trata también de algo bastante olvidado -contestó el zorro-. Es aquello que hace que un día se

diferencie de los demás, una hora de las otras horas. Te daré un ejemplo. Entre los cazadores hay

un rito. Todos los jueves bailan con las jóvenes del pueblo. Para mí el jueves es un maravilloso día, ya que paseo hasta la viña. Si los cazadores no tuvieran un día fijo para su baile, todos los días

serían iguales y yo no tendría vacaciones.

Fue así como el principito domesticó al zorro. Pero al acercarse la hora de la partida:

-¡Ah! -dijo el zorro-. Voy a llorar.

-No es mi culpa -repuso el principito-. Tú quisiste que te domesticara, no fue mi intención hacerte

daño...

-Sí, yo quise que me domesticaras -dijo el zorro.

-¡Pero dices que llorarás!

-Sí -confirmó el zorro.

-¿Ganas algo entonces? -preguntó el principito.

-Gano -aseguró el zorro- por el color del trigo.

Luego sugirió al principito:

-Vuelve y observa una vez más el jardín de rosas. Ahora comprenderás que tu rosa es única en el

mundo. Cuando vuelvas para decirme adiós, yo te regalaré un secreto.

Se dirigió el principito nuevamente a la rosas:

-En absoluto os parecéis a mi rosa. Nadie os ha domesticado y no habéis domesticado a nadie. Así

era mi zorro antes, semejante a cien mil otros. Al hacerlo mi amigo, ahora es único en el mundo.

Las rosas se mostraron ciertamente molestas.

-Sois bellas, pero aún estáis vacías -agregó todavía-. Nadie puede morir por vosotras. Es probable

que una persona común crea que mi rosa se os parece. Ella siendo sólo una, es sin duda más importante que todas vosotras, pues es ella la rosa a quien he regado, a quien he puesto bajo un globo; es la rosa que abrigué con el biombo. Ella es la rosa cuyas orugas maté (excepto unas pocas que se hicieron mariposas). Ella es a quien escuché quejarse, alabarse y aún algunas veces,

callarse. Ella es mi rosa...

Regresó hacia donde estaba el zorro:

-Adiós -dijo.

-Adiós -dijo el zorro-. Mi secreto es muy simple: no se ve bien sino con el corazón; lo esencial es

invisible a los ojos.

-Lo esencial es invisible a los ojos -repitió el principito a fin de acordarse.

-El tiempo que dedicaste por tu rosa, es lo que hace que ella sea tan importante para ti.

-El tiempo que dediqué por mi rosa... -repitió el principito para no olvidar.

-Los hombres ya no recuerdan esta verdad -dijo el zorro-. En cambio tú, por favor... no debes olvidarla. Eres responsable para siempre de lo que has domesticado. Eres responsable de tu rosa...

-Soy responsable de mi rosa... -dijo en voz alta el principito a fin de recordar...

5.1.3 *Francês*

C'est alors qu'apparut le renard.

– Bonjour, dit le renard.

– Bonjour, répondit poliment le petit prince, qui se retourna mais ne vit rien.

– Je suis là, dit la voix, sous le pommier.

– Qui es-tu ? dit le petit prince. Tu es bien joli...

– Je suis un renard, dit le renard.

– Viens jouer avec moi, lui proposa le petit prince. Je suis tellement triste...

– 78 –

– Je ne puis pas jouer avec toi, dit le renard. Je ne suis pas apprivoisé.

– Ah ! pardon, fit le petit prince.

Mais, après réflexion, il ajouta :

– Qu'est-ce que signifie « apprivoiser » ?

– Tu n'es pas d'ici, dit le renard, que cherches-tu ?

– Je cherche les hommes, dit le petit prince. Qu'est-ce que signifie « apprivoiser » ?

– Les hommes, dit le renard, ils ont des fusils et ils chassent.

C'est bien gênant ! Ils élèvent aussi des poules. C'est leur seul intérêt. Tu cherches des poules ?

– Non, dit le petit prince. Je cherche des amis. Qu’est-ce que signifie « apprivoiser » ?

– C’est une chose trop oubliée, dit le renard. Ça signifie « créer des liens... »

– Créer des liens ?

– Bien sûr, dit le renard. Tu n’es encore pour moi qu’un petit garçon tout semblable à cent mille petits garçons. Et je n’ai pas besoin de toi. Et tu n’as pas besoin de moi non plus. Je ne suis pour toi qu’un renard semblable à cent mille renards. Mais, si tu m’apprivoises, nous aurons besoin l’un de l’autre. Tu seras pour moi unique au monde. Je serai pour toi unique au monde...

– 79 –

– Je commence à comprendre, dit le petit prince. Il y a une fleur... je crois qu’elle m’a apprivoisé...

– C’est possible, dit le renard. On voit sur la Terre toutes sortes de choses...

– Oh ! ce n’est pas sur la Terre, dit le petit prince.

Le renard parut très intrigué :

– Sur une autre planète ?

– Oui.

– Il y a des chasseurs, sur cette planète-là ?

– Non.

– Ça, c’est intéressant ! Et des poules ?

– Non.

– Rien n’est parfait, soupira le renard.

– 80 –

Mais le renard revint à son idée :

– Ma vie est monotone. Je chasse les poules, les hommes me chassent. Toutes les poules se ressemblent, et tous les hommes se ressemblent. Je m’ennuie donc un peu. Mais, si tu m’apprivoises, ma vie sera comme ensoleillée. Je connaîtrai un bruit de pas qui sera différent de tous les autres. Les autres pas me font rentrer sous terre. Le tien m’appellera hors du terrier,

comme une musique. Et puis regarde ! Tu vois, là-bas, les champs de blé ? Je ne mange pas de pain. Le blé pour moi est inutile. Les champs de blé ne me rappellent rien. Et ça, c'est triste ! Mais tu as des cheveux couleur d'or. Alors ce sera merveilleux quand tu m'auras apprivoisé ! Le blé, qui est doré, me fera souvenir de toi. Et j'aimerai le bruit du vent dans le blé...

Le renard se tut et regarda longtemps le petit prince :

– S'il te plaît... apprivoise-moi ! dit-il.

– Je veux bien, répondit le petit prince, mais je n'ai pas beaucoup de temps. J'ai des amis à découvrir et beaucoup de choses à connaître.

– On ne connaît que les choses que l'on apprivoise, dit le renard. Les hommes n'ont plus le temps de rien connaître. Ils achètent des choses toutes faites chez les marchands. Mais comme il n'existe point de marchands d'amis, les hommes n'ont plus d'amis. Si tu veux un ami, apprivoise-moi !

– Que faut-il faire ? dit le petit prince.

– Il faut être très patient, répondit le renard. Tu t'assoiras d'abord un peu loin de moi, comme ça, dans l'herbe. Je te regarderai du coin de l'oeil et tu ne diras rien. Le langage est source de malentendus. Mais, chaque jour, tu pourras t'asseoir un peu plus près...

– 81 –

Le lendemain revint le petit prince.

– Il eût mieux valu revenir à la même heure, dit le renard.

Si tu viens, par exemple, à quatre heures de l'après-midi, dès trois heures je commencerai d'être heureux. Plus l'heure avancera, plus je me sentirai heureux. À quatre heures, déjà, je m'agiterai et m'inquiéterai ; je découvrirai le prix du bonheur ! Mais si tu viens n'importe quand, je ne saurai jamais à quelle heure m'habiller le coeur... Il faut des rites.

– Qu'est-ce qu'un rite ? dit le petit prince.

– C'est aussi quelque chose de trop oublié, dit le renard.

C'est ce qui fait qu'un jour est différent des autres jours, une

heure, des autres heures. Il y a un rite, par exemple, chez mes chasseurs. Ils dansent le jeudi avec les filles du village. Alors le

– 82 –

jeudi est jour merveilleux ! Je vais me promener jusqu'à la vigne. Si les chasseurs dansaient n'importe quand, les jours se ressembleraient tous, et je n'aurais point de vacances.

Ainsi le petit prince apprivoisa le renard. Et quand l'heure du départ fut proche :

– Ah ! dit le renard... Je pleurerai.

– C'est ta faute, dit le petit prince, je ne te souhaitais point de mal, mais tu as voulu que je t'apprivoise...

– Bien sûr, dit le renard.

– Mais tu vas pleurer ! dit le petit prince.

– Bien sûr, dit le renard.

– Alors tu n'y gagnes rien !

– J'y gagne, dit le renard, à cause de la couleur du blé.

Puis il ajouta :

– Va revoir les roses. Tu comprendras que la tienne est unique au monde. Tu reviendras me dire adieu, et je te ferai cadeau d'un secret.

Le petit prince s'en fut revoir les roses.

– Vous n'êtes pas du tout semblables à ma rose, vous n'êtes rien encore, leur dit-il. Personne ne vous a apprivoisées et vous n'avez apprivoisé personne. Vous êtes comme était mon renard. Ce n'était qu'un renard semblable à cent mille autres. Mais j'en ai fait mon ami, et il est maintenant unique au monde.

– 83 –

Et les roses étaient bien gênées.

– Vous êtes belles, mais vous êtes vides, leur dit-il encore.

On ne peut pas mourir pour vous. Bien sûr, ma rose à moi, un passant ordinaire croirait qu'elle vous ressemble. Mais à elle seule elle est plus importante que vous toutes, puisque c'est elle que j'ai arrosée. Puisque c'est elle que j'ai mise sous globe.

Puisque c'est elle que j'ai abritée par le paravent. Puisque c'est

elle dont j'ai tué les chenilles (sauf les deux ou trois pour les papillons).

Puisque c'est elle que j'ai écoutée se plaindre, ou se

vanter, ou même quelquefois se taire. Puisque c'est ma rose.

Et il revint vers le renard :

– Adieu, dit-il...

– Adieu, dit le renard. Voici mon secret. Il est très simple :

on ne voit bien qu'avec le coeur. L'essentiel est invisible pour les yeux.

– L'essentiel est invisible pour les yeux, répéta le petit prince, afin de se souvenir.

– C'est le temps que tu as perdu pour ta rose qui fait ta rose si importante.

– C'est le temps que j'ai perdu pour ma rose... fit le petit prince, afin de se souvenir.

– Les hommes ont oublié cette vérité, dit le renard. Mais tu ne dois pas l'oublier. Tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé. Tu es responsable de ta rose...

– Je suis responsable de ma rose... répéta le petit prince, afin de se souvenir.

5.1.4 Italiano

In quel momento apparve la volpe.

"Buon giorno", disse la volpe.

"Buon giorno", rispose gentilmente il piccolo principe, voltandosi: ma non vide nessuno.

"Sono qui", disse la voce, "sotto al melo..."

"Chi sei?" domandò il piccolo principe, "sei molto carino..."

"Sono una volpe", disse la volpe.

"Vieni a giocare con me", le propose il piccolo principe, sono così triste..."

"Non posso giocare con te", disse la volpe,

"non sono addomesticata".

"Ah! scusa", fece il piccolo principe.

Ma dopo un momento di riflessione soggiunse:

"Che cosa vuol dire <addomesticare>?"

"Non sei di queste parti, tu", disse la volpe,

"che cosa cerchi?"

"Cerco gli uomini", disse il piccolo principe.

"Che cosa vuol dire <addomesticare>?"

"Gli uomini" disse la volpe, "hanno dei fucili e cacciano. E' molto noioso! Allevano anche delle galline. E' il loro solo interesse. Tu cerchi delle galline?"

"No", disse il piccolo principe. "Cerco degli amici. Che cosa vuol dire "<addomesticare>?"

"E' una cosa da molto dimenticata. Vuol dire <creare dei legami>..."

"Creare dei legami?"

"Certo", disse la volpe. "Tu, fino ad ora, per me, non sei che un ragazzino uguale a centomila ragazzini. E non ho bisogno di te. E neppure tu hai bisogno di me. Io non sono per te che una volpe uguale a centomila volpi. Ma se tu mi addomestichi, noi avremo bisogno l'uno dell'altro. Tu sarai per me unico al mondo, e io sarò per te unica al mondo".

"Comincio a capire" disse il piccolo principe.

"C'è un fiore... credo che mi abbia addomesticato..."

"E' possibile", disse la volpe. "Capita di tutto sulla Terra..."

"O h ! non è sulla Terra", disse il piccolo principe.

La volpe sembrò perplessa:

"Su un altro pianeta?"

"Sì".

"Ci sono dei cacciatori su questo pianeta?"

"No".

"Questo mi interessa. E delle galline?"

"No".

"Non c'e' niente di perfetto", sospirò la volpe.

Ma la volpe ritornò alla sua idea:

"La mia vita è monotona. Io do la caccia alle galline, e gli uomini danno la caccia a me. Tutte le galline si assomigliano, e tutti gli uomini si assomigliano. E io mi annoio perciò. Ma se tu mi addomestichi, la mia vita sarà illuminata.

Conoscerò un rumore di passi che sarà diverso da tutti gli altri. Gli altri passi mi fanno nascondere sotto terra. Il tuo, mi farà uscire dalla tana, come una musica. E poi, guarda! Vedi, laggiù in fondo, dei campi di grano? Io non mangio il pane e il grano, per me è inutile. I campi di grano non mi ricordano nulla. E questo è triste! Ma tu hai dei capelli color dell'oro. Allora sarà meraviglioso quando mi avrai addomesticato. Il grano, che è dorato, mi farà pensare a te. E amerò il rumore del vento nel grano..."

La volpe tacque e guardò a lungo il piccolo principe:

"Per favore... addomesticami", disse.

"Volentieri", disse il piccolo principe, "ma non ho molto tempo, però. Ho da scoprire degli amici, e da conoscere molte cose".

"Non ci conoscono che le cose che si addomesticano", disse la volpe. "Gli uomini non hanno più tempo per conoscere nulla. Comprano dai mercanti le cose già fatte. Ma siccome non esistono mercanti di amici, gli

uomini non hanno piu' amici. Se tu vuoi un amico addomesticami!"

"Che cosa bisogna fare?" domando' il piccolo principe.

"Bisogna essere molto pazienti", rispose la volpe. "In principio tu ti sederai un po' lontano da me, cosi', nell'erba. Io ti guardero' con la coda dell'occhio e tu non dirai nulla. Le parole sono una fonte di malintesi. Ma ogni giorno tu potrai sederti un po' piu' vicino..."

Il piccolo principe ritorno' l'indomani.

"Sarebbe stato meglio ritornare alla stessa ora", disse la volpe.

"Se tu vieni, per esempio, tutti i pomeriggi alle quattro, dalle tre io comincero' ad essere felice. Col passare dell'ora aumentera' la mia felicità'. Quando saranno le quattro, incomincero' ad agitarmi e ad inquietarmi; scopriro' il prezzo della felicità! Ma se tu vieni non si sa quando, io non sapro' mai a che ora prepararmi il cuore... Ci vogliono i riti".

"Che cos'è un rito?" disse il piccolo principe.

"Anche questa è una cosa da tempo dimenticata", disse la volpe. "È quello che fa un giorno diverso dagli altri giorni, un'ora dalle altre ore. C'è un rito, per esempio, presso i miei cacciatori. Il giovedì ballano con le ragazze del villaggio. Allora il giovedì è un giorno meraviglioso! Io mi spingo sino alla vigna. Se i cacciatori ballassero in un giorno qualsiasi, i giorni si assomiglierebbero tutti, e non avrei mai vacanza".

Così il piccolo principe addomesticò la volpe.

E quando l'ora della partenza fu vicina:

"Ah!" disse la volpe, "... piangerò".

"La colpa è tua", disse il piccolo principe, "io, non ti volevo far del male, ma tu hai voluto che ti addomesticassi..."

"E' vero", disse la volpe.

"Ma piangerai!" disse il piccolo principe.

"E' certo", disse la volpe.

"Ma allora che ci guadagni?"

"Ci guadagno", disse la volpe, "il colore del grano".

Poi soggiunse:

"Va' a rivedere le rose. Capirai che la tua è unica al mondo. Quando ritornerai a dirmi addio, ti regalerò un segreto".

Il piccolo principe se ne andò a rivedere le rose.

"Voi non siete per niente simili alla mia rosa, voi non siete ancora niente", disse. "Nessuno vi ha addomesticato, e voi non avete addomesticato nessuno. Voi siete come era la mia volpe. Non era che una volpe uguale a centomila altre. Ma ne ho fatto il mio amico ed ora è per me unica al mondo".

E le rose erano a disagio.

"Voi siete belle, ma siete vuote", disse ancora.

"Non si può morire per voi. Certamente, un qualsiasi passante crederebbe che la mia rosa vi rassomigli, ma lei, lei sola, è più importante di tutte voi, perché è lei che ho innaffiata.

Perché è lei che ho messa sotto la campana di vetro. Perché è lei che ho riparata col paravento. Perché su di lei ho uccisi i bruchi (salvo i due o tre per le farfalle). Perché è lei che ho ascoltato lamentarsi o vantarsi, o

anche qualche volta tacere. Perche' e' la mia rosa".

E ritorno' dalla volpe.

"Addio", disse.

"Addio", disse la volpe. "Ecco il mio segreto. E' molto semplice: non si vede bene che col cuore. L'essenziale e' invisibile agli occhi".

"L'essenziale e' invisibile agli occhi", ripete' il piccolo principe, per ricordarselo.

"E' il tempo che tu hai perduto per la tua rosa che ha fatto la tua rosa cosi' importante".

"E' il tempo che ho perduto per la mia rosa..." sussurro' il piccolo principe per ricordarselo.

"Gli uomini hanno dimenticato questa verita'.

Ma tu non la devi dimenticare. Tu diventi responsabile per sempre di quello che hai addomesticato. Tu sei responsabile della tua rosa..."

"Io sono responsabile della mia rosa..." ripete' il piccolo principe per ricordarselo.